

Índice

Índice de Ilustrações.....	1
Introdução.....	2
1. Os Estudos Descritivos de Tradução e a tradução em contexto jornalístico	5
1.1. Introdução	5
1.2. Estudos Descritivos de Tradução	5
1.3. A tradução em contexto jornalístico	10
1.3.1. Estado da arte	11
1.3.2. A figura do tradutor em contexto jornalístico	12
1.3.3. A transedição de Stetting	14
1.3.4. <i>Translation in Global News</i> : um projeto central à tradução em contexto jornalístico	17
1.4. Conclusão	20
2. A tradução e a transedição na redação.....	21
2.1. Introdução.....	21
2.2. Abordagens cognitivas em Estudos de Tradução – enquadramento teórico.....	21
2.2.1. Uma mudança de paradigma	21
2.2.2. O desenvolvimento de vários modelos.....	22
2.2.3. Novas metodologias e ferramentas de validação	23
2.2.4. Resultados e crítica às abordagens cognitivas aplicadas aos Estudos de Tradução	23
2.3. Definição e descrição do <i>corpus</i>	24
2.4. Tipologia de <i>corpora</i>	26
2.5. Classificação do <i>corpus</i>	28
2.7. Apresentação e análise de dados.....	29
2.8. Conclusão	36
Conclusão	37
Referências bibliográficas	42
Anexos.....	48
Anexo A – Textos de partida	48
Anexo B – Textos de chegada	68
Anexo C – Entrevista pessoal a Diogo Queiroz de Andrade	79

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução – Área de Especialização em Inglês, realizada sob a orientação científica da Prof^a Doutora Iolanda Ramos e da Mestre Susana Valdez.

AGRADECIMENTOS

Dirijo os primeiros agradecimentos aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio e incentivo incondicionais nesta etapa, como em todas da minha vida.

Agradeço à Marta, por me ter acompanhado nesta jornada, tão de perto, tão atentamente, incansável. Pela força transmitida, pela paciência para os extensos debates e pela compreensão – obrigado.

Agradeço à Professora Iolanda Ramos e à Professora Susana Valdez por toda a motivação, entusiasmo, dedicação e orientação, essenciais e de valor incalculável para o sucesso deste percurso.

Agradeço à redação e direção do *Observador*, pela experiência que me proporcionaram e por toda a hospitalidade com que me receberam. Em especial, quero deixar os meus agradecimentos ao Dr. Diogo Queiroz de Andrade, por todo o apoio, disponibilidade e abertura, essenciais à realização deste estudo e à gratificante experiência que foi poder contactar e colaborar com o mundo jornalístico. Não posso também deixar de agradecer aos jornalistas Ana Marques, Pedro Esteves e Vera Novais pelos seu contributo diretos e pelo tempo dispensado, enquanto participantes, para a recolha de dados deste estudo.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos que, de forma direta ou indireta, me apoiaram durante esta etapa.

O Processo Tradutório em Contexto Jornalístico: A Tradução e a Transedição na Redação

Francisco Miguel Lopes Ferreira

Resumo

O interesse pela área de investigação de tradução em jornalismo aumentou após o projeto *Translation in Global News* da Universidade de Warwick em 2006. No entanto, esta é uma área ainda pouco explorada pelos Estudos de Tradução, tal como afirma van Doorslaer (2010), e como se pode comprovar no contexto português, pelo número escasso de trabalhos publicados.

O presente estudo pretende analisar o processo de tradução em contexto jornalístico recorrendo, para tal, a uma metodologia com base nas abordagens cognitivas em Estudos de Tradução. Através da gravação de ecrã, foi possível observar, em tempo real, o processo de criação do texto jornalístico de jornalistas da redação do jornal online *Observador*.

Desta maneira, procura-se enquadrar o conceito de transedição, proposto por Stetting (1989). Além disso, espera-se compreender a pertinência das abordagens cognitivas enquanto ferramentas que permitem melhor compreender os processos mentais tradutórios e a aplicabilidade das estratégias propostas por Hursti (2001) na tradução em jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, jornalismo, transedição, texto jornalístico, estudos de tradução, processo cognitivo.

The Translation Process in Journalistic Context: Translation and Transedition in the Newsroom

Francisco Miguel Lopes Ferreira

Abstract

Interest for the research field in news translation increased in the wake of the *Translation in Global News* project, held by the University of Warwick in 2006. Nonetheless, this field of study still remains vastly unexplored within Translation Studies, as van Doorslaer (2010) states, and as it is proven in the Portuguese context by the scarce number of works published.

This research aims for an analysis of the translation process in the context of journalism. To achieve this, it uses a methodology based in cognitive approaches within Translation Studies. Through screen recording it was possible to observe, in real time, the process of creating a journalistic text, by journalists of the Portuguese online newspaper, *Observador*.

Thus, it is intended to set a framework for the concept of transedition, as proposed by Stetting (1989). Additionally, this research hopes for a better understanding of the relevance of cognitive approaches as tools that allow to access translational mental processes, as well as highlighting the applicability of Hursti's (2001) strategies for news translation.

KEYWORDS: translation, journalism, transedition, journalistic text, translation studies, cognitive process.

Índice de Ilustrações

Figura 1 – Mapa de Holmes de Estudos de Tradução (retirado de Toury, 1995:10).....	6
Figura 2 - Tabela de comparação das operações de <i>gatekeeping</i> de Vuorinen com as estratégias propostas por Hursti.....	16
Figura 3 - Categorias de análise.....	29
Figura 4 - Categoria de análise: 1. Tipo de linguagem presente nos textos de chegada.....	30
Figura 5 - Categoria de análise: 2. Número de textos de partida para a criação do texto de chegada jornalístico.....	31
Figura 6 - Categoria de análise: 3. Recursos externos.....	32
Figura 7 - Categoria de análise: 4. Estratégia macrotextual.....	33
Figura 8 - Categoria de análise: 5. Estratégias microtextuais.....	34

Introdução

A atividade jornalística requer um contacto permanente com material em língua estrangeira que, após devidamente selecionado, constitui um *corpus* que serve de fonte de informação principal para a criação do texto jornalístico final na língua de chegada. O processo entre esse *corpus* e o texto final não é feito em redações, geralmente, por tradutores. Os jornalistas assumem essa função sempre que necessário e, como afirma Luc van Doorslaer (2010), entre a tradução e a reescrita com base em textos de partida encontramos a razão para a ausência de tradutores em redações.

Tal como Ferreira (2013) afirma, a escassez de estudos que intersejam as áreas da tradução e do jornalismo é uma realidade, nem tão pouco existem universidades em Portugal que apresentem “uma disciplina específica direcionada à tradução do texto jornalístico”. Consequentemente, não são claros os processos de tradução utilizados por jornalistas para criarem um texto jornalístico de chegada, o que destaca a necessidade de uma compreensão mais aprofundada da tradução neste contexto específico.

O objetivo deste estudo é evidenciar os modelos de tradução em contexto jornalístico, utilizados em Portugal, mais concretamente na redação do jornal *Observador*, partindo do conceito de transedição proposto por Stetting (1989).

O protocolo celebrado entre esta entidade e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a própria abertura que o *Observador* demonstrou para a realização deste estudo foram determinantes para a eleição desta redação como local de recolha do *corpus*.

Nesta fase, e com vista à elaboração do *corpus*, utilizaram-se técnicas de gravação de ecrã a três jornalistas específicos (compreendendo duas áreas de especialização diferentes: Vidades e Ciências) em que se gravou em vídeo o processo de criação de uma notícia com fonte de outra notícia numa língua estrangeira. O autor deste estudo, embora estando sempre na redação, não acompanhou presencialmente a gravação do processo de criação das notícias aqui alvo de estudo, de modo a não influenciar o mesmo, ciente porém, de que o facto de os jornalistas estarem conscientes de que o seu processo de criação de notícia está a ser gravado pode ter

sido, só por si, motivo para que este seja influenciado (referimo-nos, assim, à validade ecológica do estudo):

Neisser (1976, 1987) and other researchers rightly pointed out that many experiments in cognitive psychology only apply to laboratory circumstances, and we should try to make sure that this does not happen in translatology. (Muñoz Martin, 2010: 181)

A estada do autor deste estudo na redação também foi essencial para melhor perceber o funcionamento da mesma, assim como presenciar o processo de criação de uma notícia foi essencial para melhor compreender os processos de tradução (i.e. transedição e reescrita) e os caminhos que cruzam a tradução e jornalismo. Isto também se deveu à natureza da estada que consistiu, sempre que possível, em ajudar os jornalistas na criação de notícias, contribuindo com a tradução de conteúdos vários que compunham a fonte da notícia em língua estrangeira, tais como discursos, citações, artigos de opinião etc. O período em que o autor estagiou na redação fomentou a realização do estudo, sendo esse período indício, não só da necessidade de tradução na redação mas também de que a tarefa de tradução se interseja com a criação textual em contexto jornalístico. É de referir que nos textos noticiosos alvos deste estudo, o autor não auxiliou na tradução de qualquer parte dos mesmos.

Numa segunda fase analisou-se o *corpus* recolhido, procurando perceber as estratégias utilizadas pelos jornalistas no processo de criação da notícia e nos processos de tradução.

Desta maneira, este estudo procura contribuir com dados para as seguintes questões:

i) o conceito proposto por Stetting (1989) é verificado na prática jornalística, mais especificamente no caso do *Observador*?

ii) As abordagens cognitivas em Estudos de Tradução são pertinentes para compreender e poder fazer generalizações sobre os processos mentais do jornalista/tradutor em contexto jornalístico?

iii) A utilização das estratégias, propostas por Hursti (2001), revela-se relevante na prática de tradução em contexto jornalístico?

O facto de ser uma área pouco desenvolvida tanto em Portugal como nos Estudos de Tradução constituiu um fator maior de motivação para a realização deste estudo, complementado com a oportunidade de o poder fazer em cooperação com a redação do *Observador*. Esta redação representa um jornal *online* – uma nova realidade para mundo cada vez mais global e que obriga a atividade jornalística a um contacto com informação em língua estrangeira muito mais frequente, o que poderá enriquecer este estudo, assim como conferir-lhe um carácter mais atual.

O presente trabalho divide-se em duas partes. O primeiro capítulo incide sobre a leitura crítica do estado de arte, abordando os Estudos de Tradução, em geral, e os Estudos Descritivos de Tradução em específico, procurando encontrar uma definição de tradução para o contexto em questão. De seguida, pretende-se contextualizar a tradução no meio jornalístico, analisando o estado da arte neste contexto, incidindo, nomeadamente, em aspetos como o estatuto do autor e a figura do tradutor em redação. Além disso, esta parte também dará conta do conceito de transedição proposto por Stetting (1989) e das obras resultantes do projeto *Translation in Global News* da Universidade de Warwick, que assumem uma maior relevância neste campo de estudo.

O segundo capítulo, num primeiro momento, remete para a leitura crítica de bibliografia relacionada com as abordagens cognitivas em Estudos de Tradução para melhor compreender a escolha das ferramentas utilizadas na realização deste estudo.

Após essa leitura crítica, o capítulo incide sobre a temática da tradução na imprensa portuguesa, através da análise de um *corpus* e da experiência da estada na redação do *Observador*. Desta maneira, pretende-se contribuir para as questões inicialmente levantadas e abrir caminho para novas questões, de modo a dar continuidade e profundidade ao debate que cruza os caminhos da tradução e do jornalismo.

1. Os Estudos Descritivos de Tradução e a tradução em contexto jornalístico

1.1. Introdução

Neste capítulo pretende-se rever a contribuição mais relevante para a criação, desenvolvimento e cimentação dos Estudos Descritivos de Tradução enquanto disciplina. Além disso, procura-se analisar o estado da arte relativamente à tradução em contexto jornalístico e a figura do tradutor em contexto jornalístico; e rever a importante contribuição de Karen Stetting e do projeto *Translation in Global News* da Universidade de Warwick para a tradução neste contexto.

1.2. Estudos Descritivos de Tradução

Os Estudos Descritivos de Tradução correspondem a uma abordagem descritiva, empírica, interdisciplinar, orientada para o contexto de chegada, que se concentra principalmente no estudo do papel que a tradução desempenha na história cultural. (Rosa, 2010: 94)

O desenvolvimento da disciplina de Estudos de Tradução começou na década de 1970, mais precisamente em 1972, data de publicação do ensaio “The Name and Nature of Translation Studies” do investigador norte-americano James Holmes. Neste ensaio, Holmes propõe um mapa para a disciplina que a divide em Estudos de Tradução Aplicados e Estudos de Tradução Puros. Por sua vez, os Estudos de Tradução Puros subdividem-se em Teoria da Tradução, como é possível ver no mapa que Toury apresentou a partir da proposta de Holmes (Toury, 1995: 10), representado na figura seguinte, e no ramo que aqui vamos tratar, os Estudos Descritivos de Tradução, um ramo que pretende descrever os fenómenos da tradução.

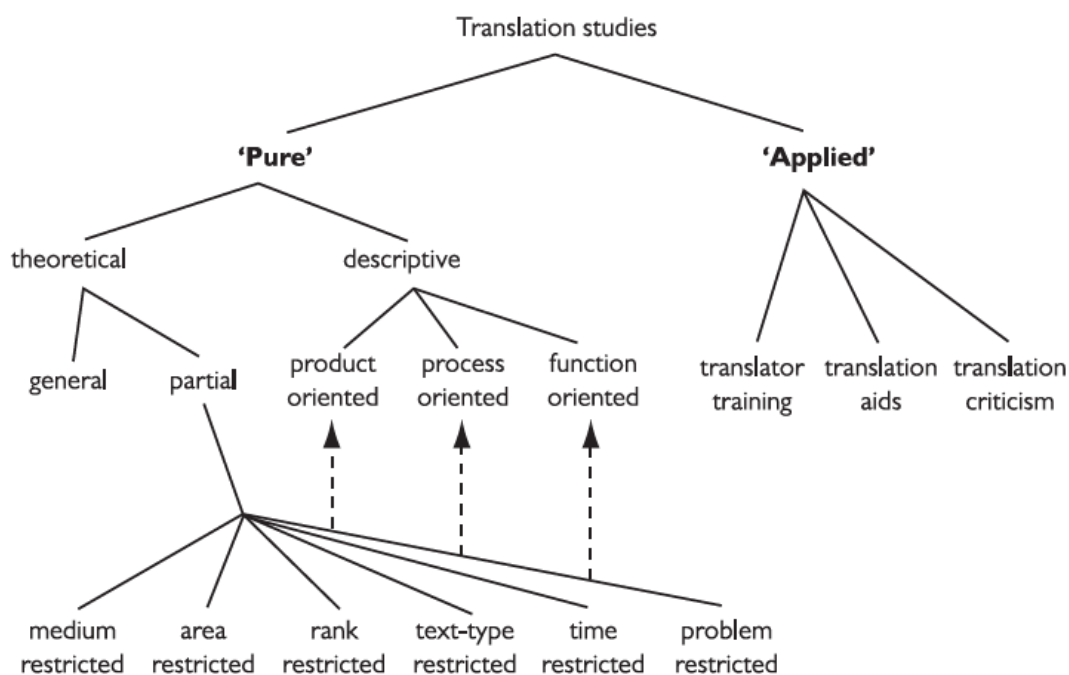


Figura 1 – Mapa de Holmes de Estudos de Tradução (retirado de Toury, 1995:10)

Como proposto por Holmes (1972: 10-12), o ramo dos Estudos Descritivos de Tradução engloba três grandes campos de investigação:

- 1) Os Estudos Descritivos de Tradução orientados para o produto da tradução, com foco na descrição de traduções individuais, em descrições comparativas de várias traduções do mesmo texto de partida e em descrições de corpora;
- 2) Os Estudos Descritivos de Tradução orientados para a função, que se centram no estudo do contexto mais do que nos textos traduzidos em si;
- 3) Os Estudos Descritivos de Tradução orientados para o processo, que pretendem descrever, de um modo sistemático, o processo na mente do tradutor enquanto traduz.

Tal como afirma Holmes (1988) a escolha da designação Estudos de Tradução tem o objetivo de diferenciar o nome da disciplina do seu objeto de estudo, definindo-a como uma disciplina empírica que pretende descrever fenómenos de tradução e, a partir dessas descrições, formular princípios gerais com a capacidade de explicar e prever fenómenos de tradução.

Em 1979, o investigador israelita Itamar Even-Zohar publica a obra *Papers in Historical Poetics*, onde propõe a Teoria dos Polissistemas, influenciada pelo Formalismo Russo e pela sua defesa da literatura e da cultura como sistemas. Esta abordagem:

views constituents of culture (such as language, literature and technology) as systems rather than conglomerates of disparate elements. It hypothesises that these elements are inter-related and that their relations are not haphazard but largely determined by their position in the whole to which they belong (Chang, 2010: 257)

e serve de ponto de partida para que um grupo de académicos, incluindo James Holmes, André Lefevere e Gideon Toury, iniciasse a investigação descritiva sobre a tradução com foco na literatura traduzida.

Esta obra, assim como *The Manipulation of Literature*, editada por Theo Hermans em 1985, marcaram a criação de um novo paradigma. Este paradigma, representado pela “Escola da Manipulação” (grupo de investigadores que se inspiraram na obra de Hermans para o seu nome), propôs uma abordagem orientada para o contexto de chegada. Hermans (1985) afirma que todas as traduções implicam algum grau de manipulação, resultante “quer de escolhas intencionais do autor, quer de constrangimentos de chegada” (Rosa, 2010). Afirmações como esta romperam com a abordagem mais conservadora em relação à tradução literária, que via o texto de partida como algo superior e o de chegada como uma mera reprodução de qualidade inferior.

No seguimento da Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar, Gideon Toury publica a obra *Descriptive Translation Studies and Beyond* (1985). Nesta obra, Toury revoluciona a orientação dos estudos de tradução, reafirmando a posição cimentada pela “Escola da Manipulação” e destacando a necessidade de um ramo descritivo para a disciplina. Numa das suas mais famosas afirmações, o autor deixa bem explícito até onde vai esta mudança de paradigma: “Translations are facts of the target culture” (Toury, 1995: 29). Toury almeja a criação de um ramo de estudo sistemático sustentado por metodologia e técnicas de investigação que sejam justificáveis dentro dos próprios estudos de tradução e afirma que a tradução ocupa uma posição nos sistemas social e

literário e que será essa posição a determinar as estratégias de tradução a utilizar (Toury, 1995). Na sua obra, Toury propõe uma metodologia em três fases: situar o texto dentro do sistema da cultura de chegada, tendo em conta a sua significância e aceitabilidade; comparar o texto de chegada e o texto de partida para encontrar alterações e identificar relações entre pares de segmentos do texto de partida e o de chegada; propor padrões, reconstruindo o processo de tradução para o par referido (Munday, 2008).

Nesta abordagem, os Estudos Descritivos de Tradução opõem-se ao “conceito a-histórico, invariável, ideal e normativo de equivalência e substituem-no por um conceito funcional, e relacional, histórico, variável, empírico e descritivo da relação de tradução” (Rosa, 2010: 100). O conceito de equivalência é aqui redefinido como descritivo, e Toury (1995) afirma que uma tradução será qualquer texto considerado como tal e que essa tradução foi realizada por ter sido atribuída importância ao texto de partida e não por qualquer importância inerente a esse mesmo texto. A tradução é um espelho das influências culturais, reveladora de relações de poder entre as culturas de chegada e de partida, e o tradutor um agente da cultura de chegada em negociação de constrangimentos.

De acordo com Munday (2008), o objetivo dos estudos de caso de Toury é o de distinguir padrões no comportamento tradutório, de modo a criar generalizações em relação aos processos de decisão para, por fim, reconstruir as normas que fizeram parte da operação de tradução. Estas normas, como definidas por Toury (1995), são a materialização de valores ou ideias de uma comunidade em instruções operacionais adaptadas para cada situação, sendo, portanto: “sociocultural constraints specific to a culture, society and time” (Munday, 2008: 112). Neste contexto, Toury (1995) propõe um conjunto de três normas:

- 1) Normas iniciais, referentes a decisões tomadas pelo tradutor. Numa tradução, o tradutor poderá seguir as normas da cultura de partida, pelas quais o texto de chegada resulta de estratégias de adequação; por outro lado, poderá seguir as normas da cultura de chegada, pelas quais o texto de chegada resulta de estratégias de aceitabilidade.

- 2) Normas preliminares, referentes aos fatores que determinam a seleção de textos a serem traduzidos.
- 3) Normas operacionais, referentes a decisões tomadas durante o processo de tradução. Estas dividem-se em normas matriciais, que determinam a relação, a nível tradutório, entre elementos do texto de partida e do texto de chegada, e as normas linguístico-textuais, que se prendem com o material selecionado para produzir o texto de chegada.

Com a identificação destas normas, Toury (1995) pretende que sejam formuladas leis hipotéticas de tradução. As duas leis que o autor propõe são:

- 1) A lei da padronização crescente, onde Toury afirma que as relações textuais observadas no texto de partida são frequentemente modificadas até ao ponto de serem ignoradas, favorecendo opções mais convencionais da cultura de chegada. Nesta lei observa-se uma desvinculação aos padrões do texto de partida e uma acomodação a modelos da cultura de chegada.
- 2) A lei da interferência, que se refere a características linguísticas que são reproduzidas no texto de chegada, de uma forma positiva (se essas características existirem no texto de partida, e portanto tornam-se mais prováveis de serem utilizadas pelo tradutor) e de uma forma negativa (criando padrões que fogem à norma do texto de chegada). Toury refere-se ainda a tolerância à interferência, i.e. um conjunto de fatores socioculturais que conferem prestígio a diferentes sistemas literários e que são determinantes na decisão de reproduzir as características linguísticas acima mencionadas.

É inegável que a obra de Toury foi de uma enorme importância para os Estudos Descritivos de Tradução. Genzler (1993) lista quatro aspetos da teoria de Toury que maior impacto tiveram nos estudos de tradução:

- 1) O abandono de noções de correspondência “um para um”, assim como a possibilidade de equivalência literária e linguística.
- 2) O envolvimento de tendências literárias dentro do sistema cultural de chegada na produção de qualquer texto traduzido.
- 3) A destabilização da noção do estatuto fixo de um “original”.

- 4) A integração do texto de partida e do texto traduzido na rede intercetante de sistemas culturais.

1.3. A tradução em contexto jornalístico

A tradução em contexto jornalístico (também apelidada de “news translation”) tem suscitado o interesse dos investigadores nos últimos anos, muito devido ao projeto *Translation in Global News* da Universidade de Warwick, de modo que as contribuições para esta área em particular tenham sido escassas e pontuais antes disso, embora tenham sido de grande relevância como será analisado neste capítulo. Após a publicação das obras resultantes do projeto *Translation in Global News*, a investigação na área ganhou maior relevância. Tal se comprova com a inclusão de entrada no *Handbook of Translation Studies* (“Journalism and translation” por Luc van Doorslaer) e um número da prestigiada publicação científica *Meta* (volume 75, nº 4) dedicada ao tema. A investigação sobre este tema, como comprovado por uma pesquisa na base de dados bibliográfica “BITRA”, à data de redação desta dissertação, revela-se incipiente (547 resultados), tal como afirma van Doorslaer (2010: 181): “this research domain largely focuses on the subfields of audiovisual translation, voiceover and dubbing and subtitling”. No contexto português, de acordo com o que se pôde apurar através de uma pesquisa no “Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal”, registam-se apenas duas dissertações de mestrado sobre a temática da tradução em contexto jornalístico, a saber:

Afonso, Dulce (2012) “A Tradução do Discurso Político: Contextos de Poder na Imprensa Portuguesa do Século XX”, Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; e

Ferreira, Joana (2013) “Tradução e Jornalismo: Uma Conceção da Prática Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida), Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

No entanto, é de referir que, além das duas dissertações de mestrado acima referidas, foi identificada a dissertação de mestrado de Santos (2012), relativa à área de

tradução em contexto jornalístico e não referida no “Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal”, o que pode levar a concluir que haja algum grau de imprecisão nos resultados apresentados pelo mesmo.

1.3.1. Estado da arte

Conway & Bassnett (2006: 6) sublinham que a tradução jornalística não é uma mera transferência interlinguística de um texto de partida para um texto de chegada: é requerida uma capacidade de reescrita e sintetização do texto de partida para corresponder às expectativas do público-alvo; da mesma maneira, são observados outros constrangimentos únicos a este meio:

in news translation there are enormous constraints of time and space to which translators of other text types may not be subject: twenty-four hour breaking news is now a global expectation, and the succinct, brief item of news rather than an extended account is what twenty-first century consumers demand.

Através destas palavras escritas na introdução a uma das obras mais influentes nesta área de saber (*Translation in Global News*) conseguimos perceber a vasta complexidade da relação entre o jornalismo e a tradução.

Tal relação começou por ser abordada por Karen Stetting que, em 1989, propôs um novo termo — transedição (“transediting”) —, com a finalidade de representar a ténue fronteira que separa a tradução e a transedição (Stetting, 1989). De acordo com Stetting (1989), a necessidade de tal termo, prende-se com o facto de que a tarefa de um tradutor incluiu uma componente de edição, sendo tal facto mais visível na tradução em contexto jornalístico. Stetting (1989) propõe três tipos de transedição:

- 1) Transedição eficiente: adaptação aos padrões de eficiência da língua de chegada.
- 2) Transedição situacional: adaptação à função pretendida do texto traduzido no seu novo contexto situacional.

- 3) Transedição cultural: adaptação às necessidades e convenções da cultura de chegada.

Como afirma Schäffner (2012: 868), Stetting almeja afirmar que alterar o conteúdo de uma tradução é legítimo e necessário.

De acordo com Bani (2006), o próprio texto jornalístico, muitas vezes, não elucida o leitor para o facto de ser um texto original ou uma tradução. Em corroboração deste comentário, van Doorslaer (2010: 182) recorda que a tradução em jornalismo raramente é vista como tal pois, muitas vezes, não existe apenas um texto de partida, o que afeta o estatuto do texto de partida. A tradução em jornalismo é, efetivamente, um caso único em tradução pois: “source texts are multiplied in such working procedures, and combined with information processing, various transformation, reworking and rewriting stages in order to produce one new target text” (van Doorslaer, 2010: 182-183).

1.3.2. A figura do tradutor em contexto jornalístico

A perceção da figura do tradutor neste meio é diferente, porque a posição do tradutor neste meio é, necessariamente, diferente. Bielsa e Bassnett (2009: 63) lembram-nos que o tradutor em jornalismo tem de ser dotado de uma certa versatilidade em vários temas, à imagem do próprio jornalista. Por outro lado, Gambier (2006: 13) recorda o constrangimento do fator tempo — tão presente e crucial no meio jornalístico —, pode influenciar as decisões tomadas pelo tradutor. Por isto, são necessárias estratégias¹ para a tradução do texto jornalístico, tais como as referidas por Hursti (2001: 4):

- a) Reorganização: reformulação do texto de partida, o que pode levar à mudança de foco da notícia.
- b) Eliminação: omissão de informação do texto de partida, o que se pode dever a razões de contextualização da notícia na cultura de chegada.

¹ As estratégias de Hursti (2001) podem ser divididas em estratégias macrotextuais (reorganização) e estratégias microtextuais (adição, eliminação e substituição). De acordo com Gambier (2010: 415), as primeiras são estratégias de compreensão (utilizadas na leitura do texto, antes da tradução do mesmo) e as segundas, estratégias de produção (utilizadas durante a tradução e/ou na revisão do texto de chegada).

- c) Adição: adicionar informação além da que já está presente no texto de partida, pela mesma razão da estratégia anterior.
- d) Substituição: um conjunto de mecanismos tal como o resumo de factos ou a omissão de nomes que, na cultura de chegada, não serão familiares, de modo a tornar a informação mais acessível ao público-alvo.

O autor relaciona estas estratégias com fatores situacionais, organizacionais e culturais e afirma que os critérios de seleção de notícias a serem publicadas dependem não só de uma aceitação cultural, mas também do quão estas são procuradas na cultura de chegada (Hursti, 2001: 3). De facto, o Diretor Criativo do *Observador* afirma que “tendo em conta que a nossa audiência é global (ou pelo menos nacional), os temas locais têm pouca relevância, tal como uma notícia de um atentado em Espanha tem mais notoriedade do que um caso semelhante no Japão, por exemplo. Mas se se tratar de um evento global como a situação de Fukushima, por exemplo, o facto de ser no Japão já torna irrelevante a distância.” (Andrade, 2015)

Bani (2006: 42) acrescenta a “generalização” a estas estratégias, ou seja, uma transformação para que o texto jornalístico se torne mais globalmente aceite pelo público e afirma que, após estas estratégias ajudarem a (re)formular o texto publicado, este irá alterar a nossa perceção do espaço que nos rodeia mesmo que, à partida e tal como Gambier (2006: 12) afirma, pretenda-se que o texto noticioso esteja na posição mais neutra e imparcial possível.

Embora Santos (2012: 30) argumente que é possível “que a tradução jornalística não é [seja] uma tradução propriamente dita, no sentido em que as estratégias utilizadas na transformação do texto original no texto a publicar na língua de chegada não são baseadas na informação linguística, mas sim na adaptação de conteúdos que têm em conta as exigências da audiência, o que pode resultar em textos que são pouco ‘equivalentes’ ao original”, van Doorslaer (2010) lembra-nos que na produção de um texto jornalístico, a escrita e a tradução estão tão próximas que se tornam impossíveis de distinguir. Portanto, a questão, neste meio, prende-se com uma mudança de perceção da função da tradução e não tanto com a ausência da mesma e esta mudança de perceção está certamente ligada à posição que tanto o texto de partida

como o autor do texto têm no contexto jornalístico, drasticamente diferente da que é observada em outros tipos de texto mais tradicionais, como o literário: “where the author and the ‘sacred original’ are of central importance” (van Doorslaer, 2010: 184).

1.3.3. A transedição de Stetting

Na década de 1980, Karen Stetting (1989) propôs um novo termo para lidar com a ténue fronteira com a qual o tradutor se depara ao traduzir textos jornalísticos – a fronteira entre a tradução e a edição. No capítulo anterior abordámos esta questão e aqui vamos aprofundá-la, analisando o estado da arte em relação a este tema, tão central ao estudo da tradução em contexto jornalístico, pois como afirmam Schrijver, Vaerebenrgh e Van Waes (2012): “transediting is a professional reality for translators and its study could shed a different light on text production within translation”. Da mesma maneira, pretende-se analisar o seu impacto na disciplina, assim como os desafios que tem enfrentado nos últimos anos, que levaram a repensar o seu lugar dentro do mundo da tradução.

Como argumentam Bielsa e Bassnett (2009), a tradução em jornalismo desafia vários dos conceitos centrais dos Estudos de Tradução, tais como os de “texto de partida”, “texto de chegada”, de “autoria do texto” ou até mesmo da própria definição de tradução em si. No entanto, esta não é uma questão que se prende apenas com a tradução em contexto jornalístico. De facto, ao longo dos últimos anos e com o estudo de outras formas de transferência textual interlinguística, outros subcampos emergiram nos Estudos de Tradução, tais como a tradução audiovisual ou a tradução multimédia. Da mesma maneira, a própria definição de tradução tem sido revisitada e até “substituída” por outras, dos quais a transedição é um exemplo mas também outros como a localização ou a transcrição.

Quando Stetting (1989: 372) propôs o termo, a autora referiu o que definia ser o trabalho de um editor – dar mais clareza ao texto e aproximar o texto das convenções textuais em questão sem despersonalizá-lo – e, como referido por Schäffner (2012), deu cinco exemplos nos quais a transedição é praticada:

- 1) Resumo de passagens de texto para legendagem;
- 2) Transformação de uma entrevista política num texto idiomático e estruturado;
- 3) Adaptação de manuscritos considerados inadequados;
- 4) Escrita de textos jornalísticos numa língua de chegada, com base em material numa língua de partida;
- 5) Extração de informação de vários documentos numa língua de partida, com o objetivo de produzir material promocional numa língua de chegada.

Mais ainda, e como já referido no capítulo anterior, Stetting (1989) propõe três tipos de transedição (transedição eficiente; transedição situacional e transedição cultural). Além disso, Stetting também refere três estratégias de transedição: alteração, eliminação e adição.

O termo “transedição” tem estado no centro da discussão entre os estudiosos da tradução em contexto jornalístico mas, como afirma Schäffner (2012), é importante lembrar o contexto em que o mesmo foi proposto. Schäffner (2012) contextualiza o momento histórico em que o termo foi proposto: nos anos 1980 as conferências exclusivamente dedicadas à tradução ainda eram em pequeno número e a própria tradução em si não era percebida como uma disciplina de nome próprio, mas mais como uma subdisciplina da Linguística Aplicada. Mais ainda, o próprio conceito de tradução ainda estava muito próximo ao de uma reprodução do texto de partida e da literalidade.

Analisando o estado da arte nesta matéria, conseguimos perceber que o conceito de transedição (e a sua própria utilização) não é unânime, mesmo que a sua contribuição para os Estudos de Tradução, mais especificamente para a tradução em contexto jornalístico, seja inegável. Bielsa e Bassnett (2009) reformulam as estratégias de transedição de Stetting, afirmando que a informação que passa por agências noticiosas não é apenas “traduzida” no sentido interlinguístico, mas também “reshaped, edited, synthesized and transformed” (Bielsa e Bassnett, 2009: 2); no entanto Bielsa e Bassnett (2009) não utilizam o termo “transedição” dando preferência ao termo

tradução, falando de “news translation” e aproximando-se do conceito de reescrita utilizado por Lefevere (1992).

Hursti (2001) defende a transedição, argumentando que, na produção de um texto jornalístico, os processos de tradução e edição estão interligados: a tradução como um processo de produção de notícias que envolve traduzir partes do texto de partida considerados importantes para a cultura de chegada e a edição como o processo de transformação da língua ou da estrutura da mensagem através de métodos como a eliminação, adição, substituição e reorganização.

No outro extremo do espectro, Vuorinen (1997: 161) refere-se ao processamento de notícias com o termo “gatekeeping” que refere como sendo o “process of controlling the flow of information into and through communication channels”. No entanto, as operações de “gatekeeping” (Vuorinen, 1995) que propõe são semelhantes às de Hursti (2001), como se pode verificar na figura seguinte.

Operações de Vuorinen, 1995	Estratégias de Hursti, 2001
Transferência	Adição
Transformação, que inclui como suboperações: - Adição - Eliminação - Substituição - Reorganização	Eliminação
	Substituição
	Reorganização

Figura 2 - Tabela de comparação das operações de *gatekeeping* de Vuorinen com as estratégias propostas por Hursti

Um aspeto parece ser comum entre autores que tenham tomado diferentes posições em relação ao conceito de Stetting: a tradução em contexto jornalístico (ou a transedição) é da responsabilidade, na sua maioria, de jornalistas. Van Doorslaer

(2010) afirma que as características, próprias do trabalho jornalístico como a tradução e a reescrita com base em material em língua estrangeira, se confundem e contribuem para a ausência de tradutores nas redações. O que nos leva à próxima questão: a utilização da palavra “tradução” em meio jornalístico e a própria percepção da atividade tradutória entre jornalistas. Como Schäffner (2012) afirma, sendo a tradução uma parte integrante do trabalho jornalístico, os próprios jornalistas evitam utilizar a palavra “tradução” para descreverem o seu trabalho pois, tal como Arnés (2005) recorda, a tradução, entre jornalistas, é percebida como tradução literal e o seu trabalho é visto como algo mais criativo.

O que nos traz de volta à proposta inicial de Stetting nos anos 80. Talvez por a própria noção de tradução, na altura, ser mais aproximada à de tradução literal, Stetting tenha sentido necessidade de se afastar desse paradigma, considerando o trabalho do “transeditor” como sendo mais independente e recompensador e afirmando até: “it takes more courage and energy to be a transeditor than a straight translator” (Stetting, 1989: 377).

Schäffner (2012) alerta-nos para o facto de que a utilização do termo “transedição” pode ser prejudicial para que a tradução continue a ser entendida no seu sentido mais literal e de equivalência, que tanto caracterizaram a disciplina no seu início. No entanto, não podemos negar que a nossa percepção de tradução já há muito tempo se afastou dessa noção e, mais importante ainda, que a tradução em contexto jornalístico é dotada de características e de uma complexidade única e, neste aspeto, o termo “transedição”, e toda a investigação criada à volta do termo, simboliza uma mais-valia para a compreensão dessas características e para explorar essa complexidade.

1.3.4. *Translation in Global News*: um projeto central à tradução em contexto jornalístico

A tradução em contexto jornalístico tem sido alvo de crescente atenção por parte de investigadores no campo dos Estudos de Tradução nos últimos anos. Como afirma van Doorslaer (2010), a investigação neste campo nem sempre se centrou nos aspetos da

tradução em meio jornalístico ou no lugar da tradução no trabalho diário numa redação. No entanto, com o projeto “Translation in Global News” da Universidade de Warwick (2006), o interesse por estes aspetos aumentou. Deste projeto resultaram duas publicações: uma publicada em 2006 (Conway e Bassnett, 2006) e outra, a publicação final do projeto, publicada em 2009 (Bielsa e Bassnett, 2009). Neste capítulo iremos analisar as contribuições mais importantes para este projeto, centrando-nos nas contribuições mais relevantes dos diferentes autores para a publicação de 2006 e na publicação de 2009, percebendo como estas: “explore[s] in particular the role of translation in so-called global news agencies (mainly AP, Reuters and AFP) as well as concrete translated news texts” (van Doorslaer, 2010).

1.3.4.1. *Translation in Global News* em 2006

Em “Transformations in Global News”, Gambier (2006) propõe uma reflexão sobre o lugar do tradutor na redação e qual o alcance do seu poder interventivo, centrando-se sobre quão globais são as agências noticiosas que assim se dizem – por um lado a questão de num mundo cada vez mais interligado pelas novas tecnologias haver um acesso à informação de modo global; por outro lado, existe a questão do que é esperado (e, até certo ponto, exigido) pelo público da cultura de chegada e como isso pode resultar em que o trabalho do tradutor seja bastante interventivo ao ponto de, como afirma Gambier (2006), se confundir com a localização². Portanto, ainda há, sem dúvida, muito espaço para reflexão sobre as relações de poder entre a cultura de chegada e a de partida.

Bani (2006) contribui para a publicação com uma análise de tradução de artigos de imprensa traduzidos para italiano e publicados no semanário *Internazionale*. Após os textos serem selecionados, estes são traduzidos por um tradutor que não está presente na redação e, após o trabalho ser entregue à redação, este é revisto por vários editores até estar pronto para publicação. Bani faz a distinção entre manipulação textual e estratégias de tradução, que podem ser textuais ou extra

² De acordo com Schäler (2010: 209), a localização consiste na adaptação cultural e linguística de conteúdo digital aos requisitos de um mercado estrangeiro.

textuais (tais como a inclusão de ilustrações ou fotografias) embora não seja possível distinguir que estratégias são utilizadas pelo tradutor e quais são utilizadas pelos editores, o que vem reforçar a complexidade do lugar da tradução no meio jornalístico.

Tsai (2006), debruçando-se sobre a tradução em contexto jornalístico para televisão em Taiwan, aborda questões inerentes à utilização do termo “news translation”, propondo repensar a abordagem comum à tradução em jornalismo pois o jornalismo em si reveste-se de várias formas (imprensa, televisão, rádio) e as características e os constrangimentos de cada uma dessas formas influenciam o trabalho de tradução nas redações. Claire Tsai, focando-se principalmente na tradução em contexto jornalístico para televisão, aponta fatores únicos a este meio de difusão de informação, tal como os enormes constrangimentos em termos de tempo de preparação do material. Esses fatores são cruciais no trabalho do tradutor que, neste contexto, é radicalmente diferente do que, por exemplo, na redação de um jornal, observando-se um elevado nível de simplificação e de manipulação do texto noticioso a traduzir.

1.3.4.2. *Translation in Global News* em 2009

Esperança Bielsa e Susan Bassnett publicam, em 2009, esta obra que fecharia o ciclo do projeto da Universidade de Warwick. Como afirmam (Bielsa e Bassnett, 2009: 1), na introdução da obra, esta resulta de investigação em duas disciplinas diferentes – Estudos de Tradução e Estudos de Globalização – e a relação entre as duas é marcante para a obra. Se por um lado, os Estudos de Tradução centram-se em questões como a equivalência linguística e a relação entre cultura e língua, por outro os Estudos de Globalização centram-se em questões de comunicação global e intercâmbio, tendo ignorado questões relacionadas com a língua. No entanto, esta ligação tem-se tornado mais evidentes e um ponto em específico, em claro destaque nos tempos de hoje, aproxima as duas disciplinas: a transmissão internacional, em grande escala, de notícias. Considerando a percepção que as agências noticiosas e redações pelo mundo têm em relação à tradução e como é que isso se materializa em ambiente profissional, as autoras exploram os processos de tradução de textos noticiosos e que questionam a própria definição de tradução (Bielsa e Bassnett, 2009: 1). Através de uma análise, em

várias redações, das práticas de tradução jornalística, das estratégias utilizadas e da análise de textos traduzidos, Bielsa e Bassnett deixam, nesta obra, um ponto de partida para estudos posteriores num campo que consideram ser rico e inexplorado. Como as autoras afirmam (Bielsa e Bassnet, 2009), reforçando a ligação entre a tradução e o jornalismo, num mundo cada vez mais global(izado) e num momento histórico em que a globalização torna aparentemente o nosso mundo mais homogéneo, o entendimento das diferenças entre cada cultura é essencial e, nesse aspeto, a tradução desempenha um papel crucial.

1.4. Conclusão

É inegável que a mudança de paradigma trazida pelos Estudos Descritivos de Tradução tenha sido essencial para as contribuições de autores como Karen Stetting. A proposta desta autora e o termo “transedição” vieram aproximar os campos da tradução e do jornalismo, e abrir portas para o debate dentro da disciplina. Por outro lado, o termo ainda levanta muitas questões que, nos últimos tempos, tem suscitado mais procura de respostas como, por exemplo, no projeto *Translation in Global News* da Universidade de Warwick, que procurou analisar o lugar da tradução na redação, a figura do tradutor na redação e as estratégias por ele utilizadas. No entanto, muitos desses estudos são pioneiros, o que só mostra o quanto ainda há para explorar nos caminhos que cruzam a tradução e o jornalismo.

2. A tradução e a transedição na redação

2.1. Introdução

Neste capítulo pretende-se realizar o enquadramento teórico relativamente às abordagens cognitivas nos Estudos de Tradução, e as contribuições mais relevantes nesta área, de modo a sustentar a metodologia utilizada neste estudo.

O processo tradutório é um “processo cognitivo complexo, que tem uma natureza interativa e não linear e que engloba processos controlados e não controlados, exigindo a resolução de problemas, tomadas de decisão e a utilização de estratégias e táticas de tradução” (Albir, 2001 referido em Alves & Albir, 2010).

Deste modo, desde a década de 1960, que têm sido apresentados vários modelos teóricos que propõe descrever a tradução como uma atividade cognitiva e que se centram em diferentes fases do processo tradutório, desde as unidades de tradução, até a estratégias de tradução e tomadas de decisão.

De seguida, e de modo a ir de encontro aos objetivos propostos para este estudo, será descrito o processo de constituição do *corpus*, a sua classificação assim como as categorias de análise e, por fim, a apresentação e análise de dados.

2.2. Abordagens cognitivas em Estudos de Tradução – enquadramento teórico

2.2.1. Uma mudança de paradigma

Os primeiros passos nas abordagens cognitivas aos Estudos de Tradução foram dados através da Teoria Interpretativa da Tradução, com contribuições relevantes do trabalho de Seleskovitch (1968). Esta teoria, que rompeu com a hegemonia de abordagens linguísticas aos Estudos de Tradução, define a tradução (de notar que este modelo era aplicado à interpretação de conferências) processo em três fases, como explicado por Lederer (1994): leitura e compreensão, “deverbalization” (processo cognitivo do intérprete, onde a tradução a nível mental, é feita de modo sensorial e

não através de palavras) e “re-expression” (constituir e dar forma ao texto de chegada, com base na compreensão da fase anterior). Esta abordagem iria ser predominante, dentro da área, durante a década de 1970, incidindo exclusivamente na interpretação.

A década seguinte viu os primeiros estudos centrados na tradução escrita, “com uma linha de investigação baseada essencialmente em protocolos verbais” (Alves & Albir, 2010). Estes protocolos verbais (“Think-aloud Protocols” em inglês) consistem num método em que ao tradutor é pedido para verbalizar o seu processo de pensamento enquanto traduz (Munday, 2008) e, neste âmbito, o estudo de Krings de 1986 é tido como essencial. Embora os protocolos verbais não permitissem aceder aos processos cognitivos, estes foram, até à década de 1990, as principais ferramentas utilizadas neste campo. No entanto, os protocolos verbais apresentavam as suas limitações: as conclusões que deles se retiravam eram muito variadas, o que produzia resultados inconclusivos e, conseqüentemente, a impossibilidade de serem feitas generalizações sobre o processo cognitivo do tradutor (Fraser, 1996).

2.2.2. O desenvolvimento de vários modelos

A década de 1990 foi, neste campo, marcada pelo desenvolvimento de vários modelos de abordagem cognitiva em relação aos processos mentais inerentes à atividade tradutória.

O modelo de Bell (1991) tem como base elementos de inteligência artificial. Este modelo exige memórias a curto e a longo prazo para descodificar a língua de partida e realizar uma (re)codificação do produto final, o texto de chegada. Através de um sistema de reconhecimento visual de palavras e através de análise sintática, o texto de partida é reprocessado e traduzido.

O modelo de Kiraly (1995) define a tradução como uma atividade social e uma atividade cognitiva, abrangendo os seus aspetos externos e internos. Kiraly, baseando-se na psicolinguística, propõe um modelo cognitivo no qual “a mente do tradutor resulta da interação entre processos intuitivos e controlados, utilizando informação linguística e extralinguística” (Alves & Albir, 2010).

O modelo de Wilss (1996) considera a tradução como uma atividade de resolução de problemas e de tomadas de decisão. Para este autor a tomada de decisão, e saber que decisão tomar, constituem os aspetos mais importantes da prática da tradução.

2.2.3. Novas metodologias e ferramentas de validação

As demonstrações de Fraser (1996) alertavam para a validade dos resultados das investigações até então. As abordagens cognitivas na década de 1990 teriam, portanto, de se dotar com mais e melhores ferramentas, de modo a que a metodologia pudesse produzir generalizações sobre o processo mental do tradutor.

Neste aspeto foram desenvolvidas várias ferramentas que, em complementação, permitem a triangulação³ de resultados e maiores avanços no campo da abordagem cognitiva aos Estudos de Tradução:

- a) Translog – ferramenta de registo, em tempo real, do histórico de atividade no teclado de um computador durante o processo tradutório e que, portanto, permite observar o processo de produção de um texto de chegada;
- b) Proxy / Camstasia / BB Flashback – ferramentas que permitem gravar o ecrã do computador durante o processo tradutório. Tal como no Translog, observa-se a produção de um texto de chegada, mas também a utilização a recursos externos (como outros programas, motores de busca, dicionários, etc.);
- c) Rastreamento ocular (“Eye-tracking” em inglês) – esta ferramenta permite perceber quais são partes de um texto no ecrã de um computador onde o tradutor fixa mais o seu olhar assim como mapear o movimento do olhar durante o processo tradutório.

2.2.4. Resultados e crítica às abordagens cognitivas aplicadas aos Estudos de Tradução

³ De acordo com Englund Dimitrova (2010: 408), a triangulação consiste em “diferentes métodos e dados para analisar o mesmo fenómeno e para clarificá-lo a partir de diversos ângulos”.

Através do desenvolvimento dos modelos e ferramentas aqui mencionados temos, hoje, um conhecimento muito mais aprofundado das operações cognitivas durante o processo tradutório. Como referido em Albir & Alves (2010: 34), Albir (2001) e Albir & Alves (2009) listam os mais importantes progressos neste campo:

1. A existência de etapas fundamentais relacionadas com a compreensão e a reexpressão. (...)
2. A necessidade de utilizar e integrar recursos internos (cognitivos) e externos.
3. O papel da memória e do armazenamento de informação.
4. A natureza dinâmica e interativa do processo que abrange elementos linguísticos e não linguísticos.
5. A natureza não linear do processo. (...)
6. A existência de processos automáticos e não automáticos, controlados e não controlados. (...)
7. O papel da recuperação, resolução de problemas, tomada de decisão e utilização de estratégias específicas de tradução no desenrolar e na gestão do processo.
8. A existência de características específicas dependendo do tipo de tradução.

No entanto, tal como Alves & Albir (2010) referem, os Estudos de Tradução em geral, e as suas abordagens cognitivas em particular, beneficiariam da utilização de ferramentas próprias e únicas à disciplina; além disso, os ecos das demonstrações de Fraser (1996) ainda se fazem ouvir, pois é necessário realizarem-se mais estudos, mais aperfeiçoados, para se validar (ou não) os resultados já obtidos e para serem feitas generalizações mais fiáveis em relação às operações cognitivas que se verificam durante o processo tradutório.

2.3. Definição e descrição do *corpus*

Laviosa (2006: 33) confere dois sentidos ao termo *corpus*: um mais específico, em que define *corpus* como um conjunto de textos e outro, mais abrangente, em que define

corpus como um conjunto, do que a autora apelida, de “pieces of language”. A seleção do *corpus* é feita através de determinados critérios que segundo Atkins *et al.* (1992) podem ir desde a inclusão de linguagem escrita ou oral, ao tipo de texto abrangido e ao período de produção textual.

Desta forma, o *corpus* utilizado neste estudo é constituído por gravações de ecrã de computador de três jornalistas, durante o processo de criação de uma notícia na língua de chegada partindo de fontes de informação numa língua de partida. Este instrumento — a gravação de ecrã — insere-se no grupo de instrumentos utilizados nas abordagens cognitivas em Estudos de Tradução e trata-se de um processo que recorre à utilização do *software* Camstasia. Este processo tem o objetivo de gravar o fluxo de trabalho dos jornalistas, na criação de um texto jornalístico, sem a presença física do autor desta dissertação durante esse mesmo processo, e onde é possível observar o processo de tradução/transedição efetuado por estes jornalistas, a redação do texto e assim como o recurso a dicionários, motores de pesquisa e outras fontes, desde que consultadas no computador em questão.

A recolha do *corpus* foi efetuada no *Observador*, um jornal generalista exclusivamente *online* fundado em 2014. A escolha desta redação como local de realização do estudo prendeu-se, em primeiro lugar, com a disponibilidade apresentada, pois tal como refere Ferreira (2013) as redações, geralmente, mostram uma falta de abertura à realização de estudos científicos; e em segundo lugar, pelo carácter único do *Observador* enquanto jornal digital.

O *corpus* foi recolhido entre novembro de 2014 e fevereiro de 2015 a partir da criação de textos jornalísticos de três participantes. Os três participantes são colaboradores no *Observador*, contribuindo para este jornal em áreas específicas e mais propícias à consulta de informação em língua estrangeira, nomeadamente as áreas do jornal designadas por “Ciência” (notícias relevantes à comunidade científica, descobertas provenientes de novos estudos, etc.) e “Vaidades” (notícias relacionadas com as chamadas “celebridades”, personalidades mediáticas, moda, etc.). Embora as contribuições destes participantes não estejam meramente circunscritas a estes temas

na sua colaboração para o *Observador*, foram sobre eles que escreveram aquando da realização deste estudo.

2.4. Tipologia de *corpora*

De modo a classificar o *corpus* deste estudo, optou-se por desenvolver a tipologia seguinte de *corpora* inspirada em Valdez (2009), que se baseou em Laviosa (1998) que, por sua vez, tem base nas categorias propostas por Atkins *et al* (1992), e adaptada para um estudo cognitivo do processo de transedição. Esta tipologia tem como propósito classificar os textos de partida seleccionados pelos participantes e os respetivos textos de chegada produzidos. Não se pretende, portanto, classificar as gravações de ecrã em si, mas os textos nelas observadas.

1) Nível 1

1.1. Tipos de *corpus*:

Texto integral

Amostras

Misto

De monitorização

O tipo de *corpus* adotado é de texto integral pois contém os textos de partida seleccionados por cada participante e os respetivos textos de chegada (ver Anexos A e B).

1.2. Tipos de *corpus*:

Sincrónico

Diacrónico

O tipo de *corpus* adotado é sincrónico pois os textos não são só contemporâneos assim como foram consultados e produzidos num período de tempo reduzido (os textos de chegada foram produzidos no mesmo ano dos textos de partida, a saber: 2014 e 2015).

1.3. Tipos de *corpus*:

Geral

Terminológico

Misto

O tipo de *corpus* adotado é misto pois é constituído por textos cuja linguagem é própria de uma área especializada e textos de linguagem geral.

1.4. Tipos de *corpus*:

Monolingue

Bilingue

Multilingue

O tipo de *corpus* adotado é bilingue pois contém textos produzidos em mais do que duas línguas (inglês e português europeu)

1.5. Tipos de *corpus*:

Línguas do *corpus*

O tipo de *corpus* adotado contém textos escritos em Português Europeu e Inglês.

1.6. Tipos de *corpus*:

Escrito

Oral

Misto

Como já referido, o tipo de *corpus* adotado contém textos de partida seleccionados pelos participantes e textos de chegada por eles produzidos, sendo, portanto, o *corpus* de tipo escrito.

2) Nível 2

2.1. Tipos de *corpus* bilingue e multilingue:

Paralelo

O tipo de *corpus* adotado contém textos de partida numa língua e textos de chegada noutra língua.

3) Nível 3

3.1. Tipos de *corpus* simples:

Translato

Não *translato*

Misto

O *corpus misto* inclui textos traduzidos para uma língua enquanto o *corpus* não *translato* inclui textos produzidos originalmente numa língua. Aqui também se considera a transedição, processo pelo qual, o jornalista através de tradução de textos de partida numa língua estrangeira e edição, produz o seu texto jornalístico. O tipo de *corpus* adotado contém textos produzidos originalmente numa língua (não *translato*) e textos de chegada produzidos noutra língua (*translato*) sendo, portanto, considerado um *corpus* misto.

2.5. Classificação do *corpus*

De acordo com a tipologia acima descrita, o *corpus* de Textos Jornalísticos do *Observador* (TJ-O) é um *corpus* simples, multilingue, de gravação de ecrã, sincrónico, não *translato* e de transedição, de linguagem geral e terminológica.

2.6. Categorias de análise

De modo a analisar o *corpus* TJ-O propõe-se a seguinte grelha categorial:

Categorias	Subcategorias
1. Tipo de linguagem presente nos textos de chegada Nesta categoria contempla-se o tipo de linguagem utilizada no <i>corpus</i> . Os tipos de linguagem aqui considerados foram propostos por Laviosa (1998) e já	1.1. Geral Textos cuja linguagem é geral. 1.2. Terminológica Textos cuja linguagem é própria de uma área especializada.

referidos neste estudo.	
<p>2. Número de textos de partida para a criação do texto de chegada jornalístico</p> <p>Nesta categoria contempla-se o número de textos de partida utilizados na criação de cada texto jornalístico.</p>	<p>2.1. Um texto de partida</p> <p>2.2. Mais do que um texto de partida</p>
<p>3. Recursos externos</p> <p>Nesta categoria contempla-se os diferentes tipos de recursos externos utilizados durante a criação do texto jornalístico.</p>	<p>3.1. Dicionários monolíngues <i>online</i></p> <p>Exemplo: Infopedia</p> <p>3.2. Pesquisa de informação</p> <p>Exemplo: pesquisar por informação detalhada sobre uma personalidade (Google, Wikipedia, etc.).</p> <p>3.3. Tradução automática</p> <p>Exemplo: Google Translate.</p>
<p>4. Estratégia macrotextual</p> <p>Nesta categoria contempla-se a estratégia macrotextual utilizada pelos jornalistas na tradução do texto jornalístico. A estratégia aqui considerada foi proposta por Hursti (2001: 4).</p>	<p>4.1. Reorganização</p> <p>Reformulação do texto de partida.</p> <p>Um conjunto de mecanismos tal como o resumo de factos ou a omissão de nomes.</p>
<p>5. Estratégias microtextuais</p> <p>Nesta categoria contemplam-se as estratégias macrotextuais utilizadas pelos jornalistas na tradução do texto jornalístico. As estratégias aqui consideradas foram propostas por Hursti (2001: 4).</p>	<p>5.2. Eliminação</p> <p>Omissão de informação do texto de partida.</p> <p>5.3. Adição</p> <p>Adicionar informação além da que já está presente no texto de partida.</p> <p>5.4. Substituição</p> <p>Contextualizar informação presente no texto de partida para o público-alvo.</p>

Figura 3 - Categorias de análise

2.7. Apresentação e análise de dados

Após a recolha de dados, foram analisadas sete gravações de ecrã do processo de criação de textos jornalísticos e respetivos textos de partida e de chegada.

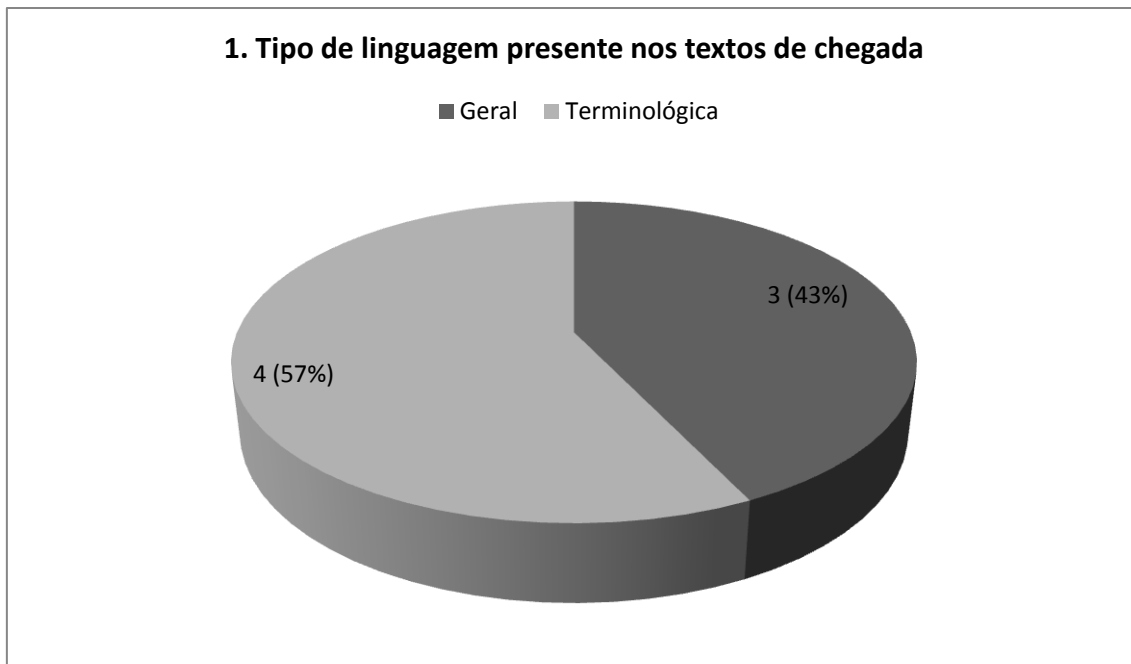


Figura 4 – Categoria de análise: 1. Tipo de linguagem presente nos textos de chegada

A categoria de análise 1 (ver figura acima) tem como objetivo determinar o tipo de linguagem presente nos textos de chegada e a sua contabilização de dados teve por base critérios de presença e ausência. Como se observa na Figura 4, o número de textos de chegada de linguagem geral (textos que utilizam linguagem não especializada) e o número de textos de chegada de linguagem terminológica (textos que utilizam linguagem especializada) é semelhante, reflexo da escolha dos participantes assim como é um reflexo natural do trabalho jornalístico que se efetua numa redação de carácter generalista, como é a redação do *Observador*. Esta categoria representa, também, um ponto de partida na comparação com as restantes categorias — como iremos ver mais à frente neste capítulo, os resultados recolhidos nas categoria 3, 4 e 5 estão intrinsecamente ligados ao tipo de linguagem presente em cada texto de chegada.

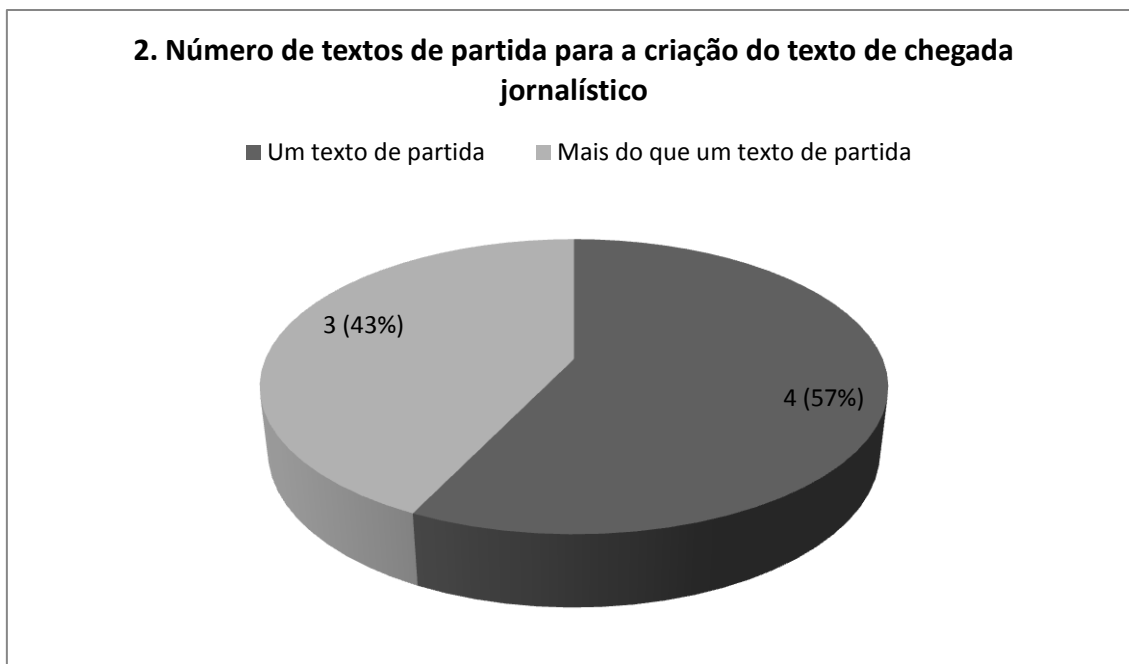


Figura 5 – Categoria de análise: 2. Número de textos de partida para a criação do texto de chegada jornalístico

Esta categoria de análise (ver figura acima) representa o número de textos de partida utilizados na criação do texto de chegada jornalístico e a sua contabilização de dados teve por base critérios de presença e de ausência. A escolha de um texto de partida ou de mais não parece estar relacionada com as restantes categorias de análise, sendo este aspeto uma escolha do jornalista. Como afirma Ferreira (2013), “o jornalista/tradutor como *gatekeeper* seleciona histórias ou detalhes dessas histórias que devem ser traduzidos, tendo liberdade para decidir o que é enfatizado e o que é omitido, o que deve ser traduzido ou não, consoante as necessidades do público de chegada”. Desta maneira, cabe ao jornalista decidir se o texto de partida/notícia que irá ser reescrita para a língua de chegada contém os detalhes necessários ou se será necessário utilizar outros textos de jornalísticos como textos de partida.

	AM1	AM2	AM3	PE1	VN1	VN2	VN3	TOTAL
3. Recursos externos								
3.1. Dicionários monolíngues <i>online</i>	0	1	0	3	1	1	1	6
3.2. Pesquisa de informação	1	0	0	1	8	5	9	24
3.3. Tradução automática	4	2	0	0	5	2	6	19

Figura 6 - Categoria de análise: 3. Recursos externos

As subcategorias (3.1. Dicionários monolíngues *online*; 3.2. Pesquisa de informação; 3.3. Tradução automática) que são apresentadas nesta categoria (ver figura acima) foram definidas tendo como base os recursos externos utilizados observados nas gravações de ecrã e, na contabilização de dados, foi considerado que cada ocorrência correspondia a uma frase. Embora seja de notar a pouca relevância da subcategoria 3.1 (Dicionários monolíngues *online*) para o presente estudo, esta representa um recurso externo presente no trabalho do jornalista/tradutor e que remete para aspetos da tradução intralingual. Nesta categoria observamos que o tipo de linguagem influencia fortemente a utilização dos recursos externos representados pelas subcategorias 3.2 (Pesquisa de informação) e 3.3. (Tradução automática). A linguagem especializada e, conseqüentemente, a maior especialização do tema dos textos de chegada em questão — mais especificamente, o campo científico — leva o jornalista a uma pesquisa de informação mais frequente do que nos textos de chegada de linguagem e temática de carácter geral. Da mesma maneira, observa-se que o recurso a ferramentas de tradução automática é mais frequente nos textos de linguagem terminológica, o que aponta para uma maior complexidade dos temas e termos presentes nestes textos, em comparação com textos de linguagem geral. Um dos claros indicadores destes aspetos é o facto de um dos textos de linguagem geral (“AM3”) não utilizar nenhum recurso externo, observado na gravação de ecrã, durante a produção do texto jornalístico em questão.

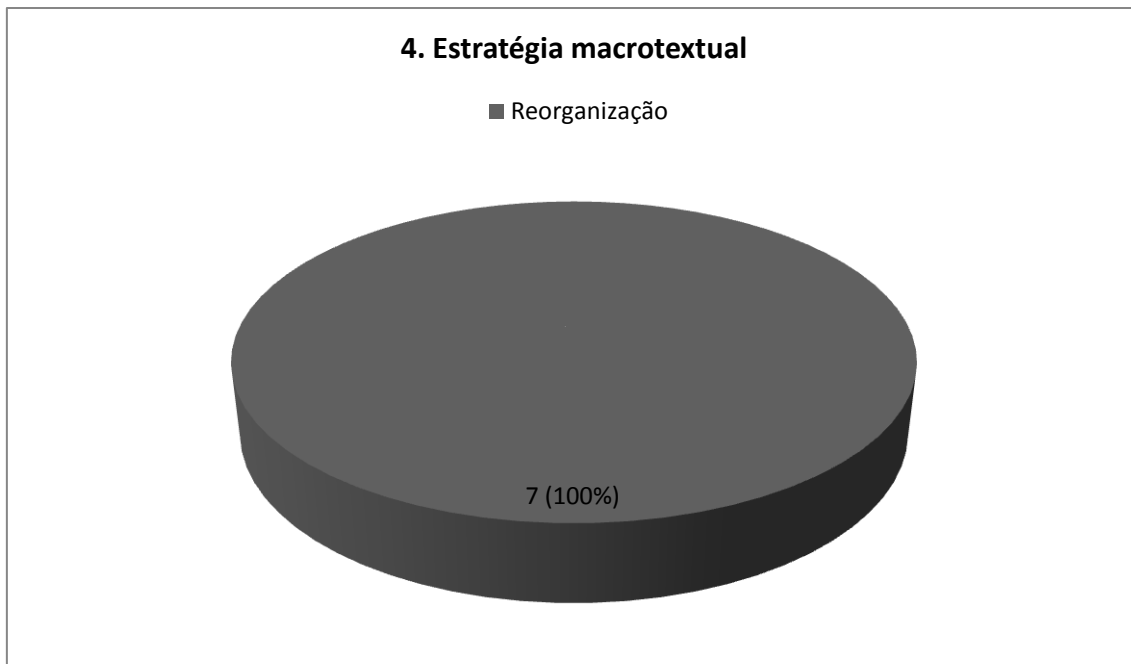


Figura 7 – Categoria de análise: 4. Estratégia macrotextual

Esta categoria (ver figura acima), da qual apenas consta uma subcategoria (4.1. Reorganização), mostra-nos a utilização de uma das estratégias propostas por Hursti (2001) sendo que, das quatro, a reorganização é a única estratégia macrotextual. A contabilização de dados, nesta categoria, teve por base critérios de presença e de ausência. Observa-se que é uma estratégia presente em todos os textos jornalísticos analisados, o que reforça a diferença entre o trabalho de tradução efetuado por um jornalista e o trabalho de tradução efetuado por um tradutor em redação — a diferença entre transedição e tradução. Esta diferença é reforçada pelo Diretor Criativo do *Observador* que afirma:

“O tradutor só tem de se preocupar com o rigor da tradução de uma notícia feita por outro, o jornalista tem de se preocupar com os critérios da produção editorial - isenção, objetividade, relevância, rigor noticioso, etc. Ou seja, o jornalista até pode fazer trabalho de tradutor no decorrer da sua atividade, mas o tradutor não é (nem pode ser) jornalista no seu trabalho - se fosse poderia perverter o seu trabalho porque teria de ter em consideração outras exigências.” (Andrade, 2015)

O autor deste estudo teve a oportunidade de realizar traduções para a redação do *Observador* e embora os textos de chegada tenham incorporado diversas notícias publicadas pelo *Observador*, não lhe era dada a opção de escolher que detalhes se incluíam ou omitiam no texto jornalístico a ser publicado. O jornalista é um *gatekeeper* mas o tradutor em contexto jornalístico pode não o ser (tal como experienciado durante o período no *Observador*) e é esse o fator determinante para a utilização desta estratégia — uma reformulação do texto de partida que pode alterar o foco da notícia e que, frequentemente, o ajusta ao contexto de chegada às exigências do público-alvo.

	AM1	AM2	AM3	PE1	VN1	VN2	VN3	TOTAL
5. Estratégias microtextuais								
5.1. Eliminação	3	22	2	19	115	8	21	190
5.2. Adição	3	1	4	3	5	6	11	33
5.3. Substituição	1	0	3	0	1	1	6	12

Figura 8 – Categoria de análise: 5. Estratégias microtextuais

Nesta categoria (ver figura acima) apresentam-se as três estratégias, propostas por Hursti (2001), ao nível microtextual. Na contabilização de dados, foi considerado que cada ocorrência correspondia a uma frase.

Observa-se que a subcategoria 5.1, representativa da estratégia de eliminação, é a mais utilizada. Embora a notícia em si, e conseqüentemente o(s) texto(s) de partida, definam a orientação geral do conteúdo do texto de chegada, cabe ao jornalista decidir o foco da notícia e que elementos do(s) texto(s) de partida são eliminados, adicionados ou substituídos (em alusão à estratégia de substituição, a subcategoria 5.3). A utilização desta estratégia é consideravelmente mais frequente nos textos de linguagem terminológica. Esta subcategoria é representativa dos processos de seleção e filtragem de informação que o jornalista realiza na criação do texto jornalístico final.

Exemplo: Em VN2 (ver Anexos A e B) a informação contida na frase “The flooding caused yields of crops such as bananas and rice to plummet and probably caused the spread of diseases such as diarrhoea and malaria” foi eliminada no texto de chegada.

Observa-se que a categoria 5.2, a estratégia de adição, é um recurso pouco utilizado e é possível observar que este é mais utilizado nos textos de linguagem terminológica. Isto pode dever-se ao facto de o jornalista, perante elementos mais técnicos próprios da área científica, optar por incluir informação elucidativa ao leitor da cultura de chegada, que não estaria presente nos textos de partida. Além disto, é relevante observar que os textos de partida são, geralmente, provenientes de *sites* especializados em informação científica (como o *Newscientist*), onde o grau de conhecimento do leitor se espera que seja maior; sendo o *Observador* um jornal generalista, este fator pode pesar na inclusão de explicações mais detalhadas sobre assuntos constantes nas notícias desta área especializada. Por outro lado, o recurso escasso a esta estratégia pode ser um indicador de que os textos de partida, tanto em textos de linguagem terminológica como de linguagem geral, sejam preponderantes no conteúdo a incluir nos textos de chegada, mesmo que, como observado em alguns casos, estejam sujeitos a uma vasta eliminação de elementos.

Exemplo: Em PE1 (ver anexo B) a informação contida na frase “É que, biologicamente, o nosso cérebro está “programado” para desencadear funções motoras específicas para o nosso corpo e apenas para ele e essa aprendizagem demora muitos anos (veja-se o tempo que uma criança necessita para desenvolver o movimento corporal na sua plenitude)” foi adicionada pelo jornalista, visto não ser encontrada no texto de partida.

A estratégia de substituição, representada pela subcategoria 5.3, é a estratégia menos utilizada. Semelhante à estratégia de adição, esta diferencia-se por apresentar informação presente no texto de partida, mas alterando o foco dessa mesma informação, contextualizando-a de uma forma que o jornalista considera mais adequada para a cultura de chegada. Exemplo disso é o recurso a esta estratégia em “AM3” em que a jornalista, tendo como texto de partida um texto jornalístico de uma publicação de língua inglesa, além de referir os nomes de duas personalidades, tal como consta do texto de partida, acrescenta informações sobre essas mesmas

personalidades (o facto de uma delas ser portuguesa e de outra ser uma das protagonistas da série de filmes “Harry Potter”).

2.8. Conclusão

As abordagens cognitivas em Estudos de Tradução representam um marco na disciplina, tanto pela sua premissa de realizar generalizações sobre os processos mentais do tradutor como das metodologias e ferramentas utilizadas, que aqui se adaptaram para a tradução em contexto jornalístico.

Em relação aos resultados deste estudo e à sua análise, verifica-se que, geralmente, todas as estratégias propostas por Hursti (2001) são ferramentas utilizadas na criação dos textos jornalísticos, reforçando a multiplicidade e complexidade de procedimentos, bem como o seu carácter versátil, quando analisamos a fundo a operacionalização da tradução em contexto jornalístico. De facto, recuperando o conceito de transedição proposto por Stetting (1989): “transediting looks like an extreme type of free translation” (Hautanen, 2006: 109).

Conclusão

Esta dissertação foi elaborada com o objetivo de analisar o processo tradutório no contexto jornalístico português sendo que a relevância deste estudo se prendeu com a escassez de estudos verificada nesta área.

Para cumprir os objetivos propostos pelo presente estudo, num primeiro momento, procedeu-se à leitura crítica de bibliografia relacionada com os Estudos Descritivos de Tradução, em geral, e a tradução em contexto jornalístico em particular.

O estabelecimento da disciplina de Estudos de Tradução, através da proposta de Holmes em 1972, conferiu a independência científica e a natureza empírica característica de uma disciplina científica de nome próprio.

No entanto, consideramos que a contribuição de Toury (1980), inspirada pela Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1979), foi decisiva para que, no enquadramento dos Estudos Descritivos de Tradução, estes se desviassem da sua visão mais tradicional associada ao estatuto do texto de partida, assim como o conceito de equivalência formal que conferia um caráter próximo da literalidade à tradução. Conclui-se que esta abordagem foi fundamental para dar relevância à cultura de chegada enquanto elemento influenciador e essencial da produção do texto de chegada. No seguimento desta linha de pensamento, Stetting (1989) propôs o termo “transedição”, um termo que, entre outras aplicações não relevantes para este estudo, concebe a tradução em contexto jornalístico como um cruzamento entre tradução e edição.

Mais recentemente, e com o projeto *Translation in Global News* da Universidade de Warwick, o debate sobre os caminhos que cruzam a tradução e o jornalismo ganhou mais relevância. A proposta de Stetting para esta discussão assume um papel central, mesmo que, ou especialmente porque, a validade da sua proposta seja alvo de muitas críticas. Estas questões centraram-se, sobretudo, em torno da posição da tradução em contexto jornalístico, a figura do tradutor na redação e as estratégias por ele utilizadas.

Seguem-se estudos a propósito da procura de indícios para estas questões, estudos esses pioneiros que abrem caminho para o que há ainda por explorar nesta área.

Neste âmbito, as abordagens cognitivas em Estudos de Tradução adquirem um papel essencial enquanto ferramenta de compreensão dos processos mentais do tradutor e as ferramentas e estratégias utilizadas em contexto jornalístico.

No presente estudo, procurou-se acompanhar o processo de criação de uma notícia, essencial à compreensão dos processos de tradução. Para isto foi dado uso a ferramentas e metodologias utilizadas nas abordagens cognitivas em Estudos de Tradução, mais concretamente o processo de gravação de ecrã, realizado com o *software* Camstasia.

A mais-valia deste processo prende-se com o facto de tornar possível observar a produção de um texto de chegada, e as estratégias utilizadas para chegar ao mesmo, os textos de partida e a utilização de recursos externos.

Foi a partir desta premissa que se estabeleceram as categorias e subcategorias de análise, cujos dados viabilizaram uma compreensão mais clara e detalhada relativamente à especificidade particular do trabalho de tradução em contexto jornalístico.

Em primeiro lugar, é possível verificar que o número de textos de partida utilizados na produção do texto jornalístico de chegada, não está, neste caso particular, relacionado com o tipo de linguagem, geral ou terminológica. Mais concretamente, o facto de determinado texto jornalístico de chegada ter um tema e linguagem mais especializados, não significa que o jornalista recorra a mais textos de partida para a sua criação. Conclui-se assim, tal como evidenciado por van Doorslaer (2010: 182-183) e independentemente do tipo de linguagem presente no texto jornalístico, que a tradução em contexto jornalístico assume uma característica única – a utilização de múltiplos textos de partida.

Além disso, o trabalho do jornalista, nos aspetos que se referem à tradução e procedimentos implicados no processo de criação de um texto de chegada, assume um carácter que varia em complexidade e diversidade, conforme o tipo de linguagem e o tema em questão. Neste âmbito, destaca-se a versatilidade (Bielsa e Bassnett, 2009: 63) implícita, e quase imperativa, quando o trabalho de tradução é enquadrado em contexto jornalístico.

Tal como foi possível verificar, a reorganização (Hursti, 2001) é uma estratégia macrotectual presente em todos os textos jornalísticos analisados e reforça a diferença entre transedição e tradução, na medida em que consiste em reformulações no texto de partida que se ajustem à cultura de chegada. Como afirma Bassnett (2005: 124): “In other words, what happens to news stories is that they undergo a series of textual transformations, all of which are underpinned by acculturation strategies”. Estes procedimentos assumem um papel preponderante, na medida em que pressupõem o entendimento das diferenças culturais e preveem procedimentos que permitam a disseminação e alcance da informação a ser transmitida na cultura de chegada. Além disso, reforçam a pertinência e aplicabilidade do conceito de transedição proposto por Karen Stetting (1989) em contexto jornalístico, mais concretamente no caso específico do *Observador*. Nesta senda, o diretor criativo do *Observador*, quando questionado acerca dos critérios editoriais das notícias a publicar, refere que “A linha editorial molda-se à atualidade e a definição para a prioridade de produção noticiosa obedece aos critérios noticiosos de proximidade e relevância. Ou seja, fazemos constantemente uma avaliação do que é prioritário em termos de relevância (o que é preciso saber) em função da proximidade e atualidade da informação” (Andrade, 2015).

No que respeita às restantes três estratégias microtextuais — eliminação, adição e substituição (Hursti, 2001) — analisadas neste estudo, verifica-se que estas são mais passíveis de estar sob influência do tipo de linguagem dos textos de chegada, sendo mais utilizadas quando estes são de linguagem terminológica. Este facto é sobretudo visível no caso da eliminação e da adição, e que espelharam a necessidade, por parte dos jornalistas, de por um lado selecionar e filtrar a informação presente no texto

jornalístico final, como também incluir informação adicional que considerassem mais elucidativa e acessível para o público-alvo. Por outro lado, a substituição apresentou-se como a estratégia menos utilizada e cuja frequência não pareceu depender do tipo de linguagem dos textos de chegada tendo, ainda assim, a mais-valia de constituir uma ferramenta adicional e eficaz na contextualização da informação em função das exigências e particularidades da cultura de chegada.

Tanto a nível macro como microtextual, as referidas estratégias apresentaram uma aplicabilidade bastante válida enquanto ferramentas presentes e essenciais à criação dos textos jornalísticos analisados neste estudo, atestando a relevância do contributo de Hursti (2001).

Destaca-se a importância da gravação de ecrã, enquanto metodologia que favorece o acesso aos processos mentais associados à tradução em contexto jornalístico, bem como as estratégias e recursos utilizados. De facto, é inegável a contribuição da abordagem cognitiva em Estudos de Tradução na medida em que facilita o acesso e exploração da natureza dinâmica do processo de tradução. Neste contexto particular, a tradução em contexto jornalístico, assume padrões específicos e sobretudo relacionados com a diversidade e complexidade de procedimentos e consequente exigência em termos de versatilidade da prática jornalística.

Destaca-se a abertura que o *Observador* demonstrou para a realização deste estudo, contrastando com a ausência de abertura com que se deparou Ferreira (2013) no contexto jornalístico português (p.e. Visão e Público). A ideia para este estudo decorreu durante o estágio do autor na redação, resultado de um protocolo celebrado entre o *Observador* e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A disponibilidade dos jornalistas do *Observador* em participar neste estudo foi essencial, no sentido em que os elementos estranhos à profissão são encarados, naturalmente, com ceticismo e se esta profissão já é, por si só, caracterizada por constrangimentos de tempo, estes ganham uma magnitude maior no caso do

Observador, meio de comunicação exclusivamente digital. No entanto, é de notar que uma das participantes demonstrou desconforto na participação deste estudo.

Apesar de se considerar que a escassez de estudos neste campo científico não justificasse um *corpus* maior, também se admite não ser possível extrapolar os resultados deste estudo para toda a redação do *Observador* e, conseqüentemente, para o contexto jornalístico em Portugal. Da mesma maneira, reconhece-se que os constrangimentos de tempo e de recursos na realização deste estudo impediram-nos utilizar mais ferramentas e metodologias que permitissem triangular os resultados, conferindo-lhes uma maior validade. Não foi, por exemplo, possível triangular os resultados do estudo quantitativo com uma entrevista retrospectiva com os participantes.

Deste modo, concluída a dissertação, as respostas encontradas para as perguntas iniciais de investigação vão no sentido de confirmar a pertinência do conceito de transedição proposto por Stetting (1989) e das abordagens cognitivas em Estudos de Tradução, assim como a aplicabilidade das estratégias de Hursti (2001) em tradução jornalística. Além disso espera-se que este estudo possa ser um ponto de partida para estudos posteriores que possam responder a questões como: Que outro tipo de estratégias são relevantes para a tradução em contexto jornalístico? A transedição realizada por jornalistas substitui o trabalho dos tradutores em redação?

Por fim, resta sublinhar a necessidade de dar continuidade aos estudos que intersejam as áreas da tradução e do jornalismo, dando ênfase aos processos cognitivos associados à tradução em contexto jornalístico, na esperança que este estudo possa ter constituído um contributo relevante.

Referências bibliográficas

- Alves, Fabio & Albir, Amparo (2010) "Abordagens cognitivas". *Handbook of Translation Studies*, Volume 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Andrade, Diogo Queiroz de (2015), comunicação pessoal, 20 de março.
- Arnés, José (2005) "Traducción y periodismo: El País English Edition" *In: Puentes*, nº 5: 39-46.
- Atkins, Sue, Jeremy Clear and Nicholas Osler (1992) "Corpus Design Criteria", *Literary and Linguistic Computing* 7 (1), 1-16.
- Bani, Sara (2006) "An analysis of press translation process". *In: Bassnett, Susana & Kyle, Conway (eds.) (2006) Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*. University of Warwick.
- Bassnett, Susan (2005) "Bringing the News Back Home: Strategies of Acculturation and Foreignization". *Language and Intercultural Communication* 5(2), 120 - 130.
- & Conway, Kyle (eds.) (2006) *Translation in global news: proceedings on the conference held at the University of Warwick 23 June 2006*. University of Warwick.
- & Bielsa, Esperança (2009) *Translation in Global News*. London: Routledge.
- Bell, Roger (1991) *Translation and translating*. London: Longman.
- Chang, Nam Fung (2010) "Polysystem theory and translation". *Handbook of Translation Studies*, Volume 1. Amsterdam: John Benjamins, 257-263.
- Crockett, Christopher (2014) "A distant planet may lurk far beyond Neptune". Disponível em: <https://www.sciencenews.org/article/distant-planet-may-lurk-far-beyond-neptune> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Englund Dimitrova, Birgitta (2010) "Translation process". *Handbook of Translation Studies*, Volume 1. Amsterdam: John Benjamins, 406-411.
- Esteves, Pedro (2015) "Transplantar uma cabeça humana pode ser possível daqui a poucos anos". Disponível em: <http://observador.pt/2015/02/26/transplantar-uma-cabeca-humana-pode-ser-possivel-daqui-a-poucos-anos/> [Acedido a: 27 de fevereiro de 2015].
- Even-Zohar, Itamar (1979) *Papers in Historical Poetics*, Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics.

- Ferreira, Joana (2013) "Tradução e Jornalismo: Uma Concepção da Prática Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida", Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Fraser, Janet (1996) "The translator investigated: learning from translation process analysis." *The Translator* 2 (1).
- Gambier, Yves (2006) "Transformations in international news". In: Kyle Conway and Susan Bassnett, eds. *Translation in Global News – Proceedings of the Conference held at the University of Warwick – 23 June 2006*. Coventry: University of Warwick, Centre for Translation and Comparative Cultural Studies
- Gentzler, E. (1993) *Contemporary Translation Theories*, Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Hautanen, Suvi (2006) "The Work Process of a Correspondent: A Case Study in Translation Sociology", *Translation in Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick*. Ed. Kyle Conway and Susan Bassnett, University of Warwick: 105 - 111.
- Hermans, Theo (ed.) (1985) *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*, Londres e Sydney: Croom Helm.
- Higgs Hunters*. Disponível em: <http://www.higgshunters.org/#/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Holmes, James (1972) "The Name and Nature of Translation Studies", *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdam: Rodopi, 67 - 80.
- (1988) *The Name and Nature of Translation Studies In The Translation Studies Reader*, Lawrence Venuti (ed.) 172-185, Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Hursti, Kristian (2001) "An insider's view on transformation and transfer in international news communication: An English-Finnish perspective". *The electronic journal of the Department of English at the University of Helsinki*.
- Ishler, Julianne (2014) "Dylan Brosnan: 5 Things To Know About The Saint Laurent Model". Disponível em: <http://hollywoodlife.com/2014/11/20/pierce-brosnan-son-dylan-brosnan-facts-saint-laurent-model/>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

- Kilcooley-O'Halloran, Scarlett (2014) "British Fashion Awards 2014: The Winners". Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/news/2014/12/01/british-fashion-awards-2014-winners>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Kiraly, Don (1995) *Pathways to translation. Pedagogy and process*. Kent: The Kent State University Press.
- Krings, Hans Peter (1986) *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern*. Tübingen: Nar.
- Laviosa, Sara (1998) "The Corpus-based Approach: A New Paradigm in Translation Studies", *Special Issue of Meta* 43 (4): 557-70.
- (2006) *Corpus-Based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*, Amsterdam & New York: Rodopi.
- Lederer, Marianne (1994) *La traduction aujourd'hui: le modèle interprétatif*. Paris: Hachette.
- Lefevere, André (1992) *Translation, Rewriting and The Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge.
- Luntz, Stephen (2014) "Astronomers Find Evidence of Two Undiscovered Planets in Our Solar System". Disponível em: <http://www.iflscience.com/space/signs-planet-x-and-maybe-y> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Marques, Ana (2014a) "Filho de Pierce Brosnan é o novo rosto da Saint Laurent". Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/21/filho-de-pierce-brosnan-e-o-novo-rosto-da-saint-laurent/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- (2014b) "Liam Hemsworth: 'Beijar Jennifer Lawrence foi muito desconfortável'". Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/18/liam-hemsworth-beijar-jennifer-lawrence-foi-muito-desconfortavel/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2014].
- (2014c) "Os prémios da moda com sotaque 'very british'". Disponível em: <http://observador.pt/2014/12/02/os-premios-da-moda-com-sotaque-british/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Munday, Jeremy (2001) [2008] 2nd edition. *Introducing Translation Studies*. New York: Routledge.

- Muñoz Martín, Ricardo (2010) "On paradigms and cognitive translatology" in Shreve & Angelone (eds.) *Translation and Cognition*. Amsterdam: John Benjamins, 169-187.
- Novais, Vera (2014a) "A descoberta de dois planetas anões pode indicar a presença de um planeta maior... ou não". Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/21/descoberta-de-dois-planetas-anoes-pode-indicar-presente-de-um-planeta-maior-ou-nao/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2014].
- (2014b) "Estamos todos convidados a 'revolucionar' o conhecimento sobre o universo". Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/27/estamos-todos-convidados-a-revolucionar-o-conhecimento-sobre-o-universo/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- (2014c) "Impacto de desastres naturais: Tempestades severas, crianças mais pequenas". Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/26/impacto-de-desastres-naturais-tempestades-severas-criancas-mais-pequenas/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Rogers, Christopher (2014) "Liam Hemsworth: Kissing Jennifer Lawrence Was Gross & 'Pretty Uncomfortable'". Disponível em: <http://hollywoodlife.com/2014/11/17/liam-hemsworth-kissing-jennifer-lawrence-disgusting-the-tonight-show-video/>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Rosa, Alexandra Assis (2010). "Estudos Descritivos de Tradução (EDT)". *Handbook of Translation Studies, Volume 1*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 94-104.
- Sample, Ian (2015) "First full body transplant in two years away, surgeon claims". Disponível em: <http://www.theguardian.com/society/2015/feb/25/first-full-body-transplant-two-years-away-surgeon-claim>. [Acedido a: 27 de fevereiro de 2015].
- Santos, Diana (2012) "Tradução jornalística em Portugal: contexto atual e perspectivas de futuro". Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Schäffner, Christina (2012) "Rethinking Transediting" In: *Meta: Translator's Journal*, Vol. 57, nº 4: 866-883.
- Schäler, Reinhard (2010) "Localization and translation". *Handbook of Translation Studies, Volume 1*. Amsterdam: John Benjamins, 209-214.

- Schrijver, Iris & Van Vaerenbergh, Leona & Van Waes, Luuk (2012) "An Exploratory Study of Transediting in Students' Translations Processes" *In: Hermes*, nº 49: 99-118.
- Seleskovitch, Danica (1968) *L'interprète dans les conférences internationales: problèmes de langage et de communication*. Paris: Minard.
- Sirera, Lindsay (2014) "Pierce Brosnan's Son Scores Saint Laurent Modeling Gig Alongside Val Kilmer's Son — See the Pics!". Disponível em: <http://uk.eonline.com/news/599797/pierce-brosnan-s-son-scores-saint-laurent-modeling-gig-alongside-val-kilmer-s-son-see-the-pics>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Stetting, Karen (1989) "Transediting – A New Term for Coping with the Grey Area between Editing and Translating". In *Proceedings from the Fourth Nordic Conference for English Studies*, G. Caie (eds). Copenhagen: University of Copenhagen.
- Strang, Fay (2014) "Pierce Brosnan's son Dylan makes his modeling debut! The 17-year-old has his father's good looks". Disponível em: <http://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/pierce-brosnans-son-dylan-makes-4661728>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Toury, Gideon (1980) *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: The Porter Institute.
- Toury, Gideon (1985) "A Rationale for Descriptive Translation Studies", in Theo Hermans (ed.) *The Manipulation of Literature, Studies in Literary Translation*, London: Croom Helm, 16-41.
- Toury, Gideon (1995) *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- Tsai, Claire (2006) "Translation through Interpreting: A Television Newsroom Model". *In: Kyle Conway and Susan Bassnett, eds. Translation in Global News – Proceedings of the Conference Held at the University of Warwick – 23 June 2006*. Coventry: University of Warwick, Centre for Translation and Comparative Cultural Studies.
- Valdez, Susana (2009) "O Autor Anónimo. A Invisibilidade do Tradutor no Contexto Português", Tese de Mestrado submetida à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- van Doorslaer, Luc (2010) "Journalism and translation". *Handbook of Translation Studies*, Volume 1. Amsterdam: John Benjamins.
- Vuorinen, Erkkka (1995) "News translation as gatekeeping" In: Mary Snell-hornby, Zuzana Jettmarova and Klaus Kaindl, eds. *Translation as Intercultural Communication. Selected papers from the EST Congress – Prague 1995*. Amsterdam: John Benjamins, 161-171.
- Wilson, Clare (2014) "Severe El Niño stunted Peruvian children's height". Disponível em: <http://www.newscientist.com/article/dn26608-severe-el-nino-stunted-peruvian-childrens-height.html#.VSudzPnF99h> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].
- Wilss, Wolfram (1996) *Knowledge and skills in translator behaviour*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Anexos

Anexo A – Textos de partida

Fonte: Rogers, Christopher (2014) “Liam Hemsworth: Kissing Jennifer Lawrence Was Gross & ‘Pretty Uncomfortable’”. Disponível em: <http://hollywoodlife.com/2014/11/17/liam-hemsworth-kissing-jennifer-lawrence-disgusting-the-tonight-show-video/>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Liam Hemsworth: Kissing Jennifer Lawrence Was Gross & ‘Pretty Uncomfortable’

Movie kisses always seem so romantic, but according to Liam Hemsworth, they’re not always fun to film! The actor recently told Jimmy Fallon that kissing Jennifer Lawrence was ‘disgusting!’ Watch his interview here.

Liam Hemsworth, 24, appeared on *The Tonight Show Starring Jimmy Fallon* on Nov. 14, during which he was asked what the most awkward part of shooting *The Hunger Games: Mockingjay — Part 1* was. His answer may surprise you!

“Any time I had to kiss Jennifer [Lawrence] was pretty uncomfortable,” the actor told host Jimmy Fallon, according to Jezebel. “When you look at it on the outside it looks like a great picture. She’s one of my best friends. I love her. But if we had a kissing scene, she would make a point of eating garlic or tuna fish or something that was disgusting.”

That sounds pretty gross! But it’s all in good fun. Jennifer, 24, recently revealed how much Liam means to her.

Liam is “the most wonderful, lovable, just family-oriented sweet, hilarious [guy],” Jennifer told *PEOPLE*. She continued, “I guess the biggest surprise is that I would never expect to ever have a man this good-looking ever be my best friend. I never knew that those things could happen.”

We’re so happy to hear Liam and Jennifer became such good friends while filming *The Hunger Games*. Perhaps, one day, their friendship will turn into a romance!

What do YOU think, HollywoodLifers? Do you imagine it’d be gross to kiss Jennifer Lawrence? Also — who would you rather kiss: Jennifer Lawrence or Liam Hemsworth? Vote and tell us how you feel!

Fonte: Strang, Fay (2014) "Pierce Brosnan's son Dylan makes his modeling debut! The 17-year-old has his father's good looks". Disponível em: <http://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/pierce-brosnans-son-dylan-makes-4661728>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Pierce Brosnan's son Dylan makes his modeling debut! The 17-year-old has his father's good looks

It looks like the apple doesn't fall far from the tree when it comes to Pierce and his son

His dad played James Bond for a number of years, so Dylan Brosnan was always destined to be pretty cool.

The 17-year-old has just made his modelling debut for Saint Laurent's Permanent Collection line.

And wearing a bow-tie and shirt, the young man looks the spitting image of his father complete with lovely hair and smoldering eyes.

Dylan – who's mother is Keely Smith – is not just good looking though – he's also a film student and musician.

He currently lives in California, which is where he was spotted by Saint Laurent creative director Hedi Slimane on the beach in Malibu.

It's thought she didn't know of his famous dad at the time, so he's got where he is on looks alone.

Dylan follows in a long line celebrity offspring who have made a name for themselves as models.

The youngster has a brother Paris, 13, while Pierce also has another biological son – Sean- with his first wife Cassandra Harris, who passed away from ovarian cancer in 1991.

He adopted her children Charlotte and Christopher from her first marriage.

The actor later married Keely with whom he had Dylan and Paris.

Fonte: Sirera, Lindsay (2014) "Pierce Brosnan's Son Scores Saint Laurent Modeling Gig Alongside Val Kilmer's Son — See the Pics!". Disponível em: <http://uk.eonline.com/news/599797/pierce-brosnan-s-son-scores-saint-laurent-modeling-gig-alongside-val-kilmer-s-son-see-the-pics>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Pierce Brosnan's Son Scores Saint Laurent Modeling Gig Alongside Val Kilmer's Son — See the Pics!"

Who's the latest Saint Laurent hunk, you ask? The name's Dylan. Dylan Brosnan. Pierce Brosnan's 17-year-old son is making his modeling debut as he joins Saint Laurent's new ad campaign for the men's permanent collection. But don't think he's the only celebrity offspring to be chosen for the task—nope, Val Kilmer's own 19-year-old son, Jack Kilmer, is also heating up the luxe brand's hot new men's ads. The younger Kilmer will undoubtedly offer up a few pointers to his modeling co-star, since he strutted down Saint Laurent's runway this fall. But honestly, both Dylan and Jack are well equipped for the task just drawing from their A-list gene pool and maybe a few tips from their respective pops.

In the sharp black-and-white snapshots, Dylan looks every bit the debonair charmer you'd expect with dark, side-swept hair and a classic black tux and tie. In another shot, the teen heartthrob flashes the camera a piercing gaze wearing slim-fitting jeans and a dark cardigan. Tall, dark, handsome—yep, we see the resemblance to papa Pierce!

On to Jack—he's a seasoned Saint Laurent model, and it definitely shows. The 19-year-old sports a denim button-down in a refined shot, peering through his messy chin-length hair. In a more relaxed scene, the teen is cool and collected sitting cross-legged in ripped jeans and a velvet blazer. Overall, Jack's ads are soft blend of evocative and urbane, and every bit the high-fashion feel Saint Laurent owns.

It seems Saint Laurent might be onto something with the celeb-offspring-turned-models trend, with A-list kiddos popping up on billboards and magazines everywhere. Earlier this month, Romeo Beckham made his parents proud staring in the Burberry holiday commercial. And *everyone's* raving about Yolanda Foster's 19-year-old daughter, Gigi Hadid, as fashion's du jour model, counting Tom Ford and *Sports Illustrated* amongst her employers.

Our verdict on the teen models? Top-notch casting, Saint Laurent!

Fonte: Ishler, Julianne (2014) “Dylan Brosnan: 5 Things To Know About The Saint Laurent Model”. Disponível em: <http://hollywoodlife.com/2014/11/20/pierce-brosnan-son-dylan-brosnan-facts-saint-laurent-model/>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Dylan Brosnan: 5 Things To Know About The Saint Laurent Model

Pierce Brosnan’s 17-year-old son Dylan wowed us as the fresh face of a high-fashion campaign for Saint Laurent. Aside from inheriting his father’s gorgeous genes, here’s some other fun facts about the young stud!

Dylan Brosnan made his modeling debut for Saint Laurent’s Men’s Collection Line on Nov. 20, and since then, people have been dying to learn more about Pierce Brosnan’s grown-up son. There’s so much to know about the handsome 17-year-old, beyond the pictures, and believe it or not, he’s a pretty multi-talented guy! Here’s a list of five fascinating facts about the new teen heartthrob.

Pierce Brosnan’s Son Dylan Brosnan: 5 Things About Him

- 1) Dylan has a huge passion for film and is currently a film student residing in California.
- 2) He is also a musician — swoon! Dylan is a singer and guitar player in a band and performs around the Los Angeles area. Papa Pierce took to Instagram on Nov. 19 to post yet another swoon-worthy picture of Dylan playing his guitar and singing.
- 3) Dylan was discovered all on his own! Saint Laurent’s creative director, Hedi Slimane spotted him on the beach in Malibu and thought he would be a great fit for their campaign. Little did he know Dylan was Pierce’s son!
- 4) Dylan wants to have a career in politics. Last summer, he interned in Washington D.C. for U.S. Senator Ed Markey.
- 5) He’s good friends with Jack Kilmer, who appeared beside him in the Saint Laurent Campaign. Jack is the son of Val Kilmer.

Dylan Brosnan’s Saint Laurent Campaign

Now that we know he’s much more than just a pretty face, we can focus *on* his pretty face!

Dylan looked seriously handsome in the black and white photos for the campaign. He's seen sporting multiple looks, from the classic suit and tie to showing off his edgy side in black skinny jeans, a striped shirt and leather jacket.

We definitely think Dylan has a bright future in modeling, if he's not already rocking the world with his band or in politics. This multi-talented fella sure has an exciting life ahead of him!

What do YOU think, HollywoodLifers? Do you think Dylan should do more modeling? Drop a comment below!

Fonte: Kilcooley-O'Halloran, Scarlett (2014) "British Fashion Awards 2014: The Winners". Disponível em: <http://www.vogue.co.uk/news/2014/12/01/british-fashion-awards-2014-winners>. [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

British Fashion Awards 2014: The Winners

DEM, Victoria Beckham and Nicolas Ghesquiére were the big winners at the British Fashion Awards this evening, taking home the Womewear Designer, Brand, and International Designer awards respectively.

As predicted last week, John Galliano made his first public appearance since his appointment at Margiela, presenting American *Vogue* editor - and his long-time supporter - Anna Wintour with the Outstanding Achievement award, while his close friend and muse, Kate Moss, presented the award for Red Carpet Designer to Alexander McQueen's Sarah Burton. Continuing the theme, Poppy Delevingne - alongside Karlie Kloss and Joan Smalls - was on-hand to award the Model of the Year accolade to her little sister Cara.

Elsewhere, Emma Watson, Marques Almeida, Craig Green, Prism, Simone Rocha, Anya Hindmarch, Preen, and Louis Vuitton all left with an honour; JW Anderson cemented his annual winning streak by taking home the Menswear award; and the late Professor Louise Wilson was honoured with a tribute featuring models wearing clothes created by her protégées.

Fonte: Sample, Ian (2015) "First full body transplant in two years away, surgeon claims". Disponível em: <http://www.theguardian.com/society/2015/feb/25/first-full-body-transplant-two-years-away-surgeon-claim>. [Acedido a: 27 de fevereiro de 2015].

First full body transplant is two years away, surgeon claims

Doctor plans to graft a living person's head on to a donor body using procedures he believes will soon be ready

A surgeon says full-body transplants could become a reality in just two years.

Sergio Canavero, a doctor in Turin, Italy, has drawn up plans to graft a living person's head on to a donor body and claims the procedures needed to carry out the operation are not far off.

Canavero hopes to assemble a team to explore the radical surgery in a project he is due to launch at a meeting for neurological surgeons in Maryland this June.

He has claimed for years that medical science has advanced to the point that a full body transplant is plausible, but the proposal has caused raised eyebrows, horror and profound disbelief in other surgeons.

"If society doesn't want it, I won't do it. But if people don't want it, in the US or Europe, that doesn't mean it won't be done somewhere else," he said. "I'm trying to go about this the right way, but before going to the moon, you want to make sure people will follow you."

Putting aside the considerable technical issues involved in removing a living person's head, grafting it to a dead body, reviving the reconstructed person and retraining their brain to use thousands of unfamiliar spinal cord nerves, the ethics are problematic.

The history of transplantation is full of cases where people hated their new appendages and had them removed. The psychological burden of emerging from anaesthetic with an entirely new body is firmly in uncharted territory. Another hitch is that medical ethics boards would almost certainly not approve experiments in primates to test whether the procedure works.

But Canavero wants to provoke a debate around these issues. “The real stumbling block is the ethics,” he told *New Scientist*. “Should this surgery be done at all? There are obviously going to be many people who disagree with it.”

The idea of body transplants – or head transplants, depending on the perspective – has been tried before. In 1970, Robert White led a team at Case Western Reserve University in Cleveland, US, that tried to transplant the head of one monkey on to the body of another. The surgeons stopped short of a full spinal cord transfer, so the monkey could not move its body.

A lull in attempted body transplants followed White’s experiments, but last year researchers at Harbin Medical University in China made some headway with mice. They hope to perfect a procedure they claim “will become a milestone of medical history and potentially could save millions of people”.

Despite Canavero’s enthusiasm, many surgeons and neuroscientists believe massive technical hurdles push full body transplants into the distant future. The starkest problem is that no one knows how to reconnect spinal nerves and make them work again. Were that possible, people paralysed by spinal injuries could have surgery to make them walk again.

“There is no evidence that the connectivity of cord and brain would lead to useful sentient or motor function following head transplantation,” Richard Borgens, director of the Center for Paralysis Research at Purdue University in Indiana, US, told *New Scientist*.

According to the procedure Canavero outlined this month, doctors would first cool the patient’s head and the donor’s body so their cells do not die during the operation. The neck is then cut through, the blood vessels linked up with thin tubes, and the spinal cord cut with an exceptionally sharp knife to minimise nerve damage. The recipient’s head is then moved on to the donor’s body.

The next stage is trickier. Canavero believes that the spinal cord nerves that would allow the recipient’s brain to talk to the donor’s body can be fused together using a substance called polyethylene glycol. To stop the patient moving, they must be kept in a coma for weeks. When they come round, Canavero believes they would be able to speak and feel their face, though he predicts they would need a year of physiotherapy before they could move the body.

“This is such an overwhelming project, the possibility of it happening is very unlikely,” Harry Goldsmith, professor of neurological surgery at the University of California, Davis, told the magazine.

Fonte: Luntz, Stephen (2014) "Astronomers Find Evidence of Two Undiscovered Planets in Our Solar System". Disponível em: <http://www.iflscience.com/space/signs-planet-x-and-maybe-y> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Astronomers Find Evidence Of Two Undiscovered Planets In Our Solar System

The possibility of a planet lurking in the outer reaches of the solar system has gained new ground, based on the orbits of recently discovered objects. There is a new twist to the latest evidence, however, with suggestions of not one but two large planets at mind-bending distances from the Sun.

The quest for a "Planet X" beyond Neptune has been going on for more than a century. Recently, two dwarf planets Sedna and 2102 VP₁₁₃ have been identified with orbits extending to distances hundreds of times further from the Sun than our own.

Distant as these orbits are, they are too close to be part of the Oort Cloud, a collection of comets that mostly orbit at distances beyond 5000 AU.

Instead it is thought that these objects formed closer to the sun. The gravitational influence of a large planet is one explanation of how their orbits changed. The theory has its own problems – if we can't explain how objects like these came to be orbiting at such distances, then it's equally unclear how a theoretical planet came to be there.

Scott Sheppard, of the Carnegie Institution for Science, and the Gemini Observatory's Chad Trujillo noted a clustering in the orbits of the solar system's most distant known entities, many of which they had discovered. Ten Kuiper Belt Objects, and minor planets Sedna and 2012 VP₁₁₃, all have orbits that cross the plane of the solar system at angles that range from shallow to steep.

Yet all of these distant objects reach their closest point to the sun just when they are near the plane the planets circle in. The scientists considered this unlikely to be a coincidence, and speculate it might be a sign of a planet influencing all of their orbits.

In *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society Letters* brothers Carlos and Raul de la Fuente Marcos of Complutense University of Madrid have taken this a step further. "The analysis of several possible scenarios strongly suggest that at least two trans-Plutonian planets must exist," they conclude.

Even more recently, Lorenzo Iorio of the Italian Ministry of Education, Universities and Research has argued in the same journal that if planet X exists, it must be much further out than Trujillo and Sheppard proposed. How far it would need to be depends on its mass, but an unknown object twice as heavy as the Earth could not be less than 500 AU from the Sun, Iorio maintains.

Other astronomers are more cautious. David Jewitt of the University of California, Los Angeles told *Science News*, "The outer solar system can be full of all sorts of unseen and interesting things," Jewitt says, "but the argument ... for a massive perturber is a bit puzzling." Jewitt notes that if the Kuiper Belt Objects in the Trujillo/Sheppard study have a planet keeping them in line, it may well be Neptune. Sedna and 2012 VP113 are too far out for this to be true for them as well, but it is far easier to explain two orbits as coincidences than twelve.

While the question may only be finally settled by the discovery of a large planet lurking in space, a number of teams have redoubled their efforts to find modest sized objects whose orbits might help us lend credence to, or reject, the theories proposed so far.

Fonte: Crockett, Christopher (2014) "A distant planet may lurk far beyond Neptune". Disponível em: <https://www.sciencenews.org/article/distant-planet-may-lurk-far-beyond-neptune> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

A distant planet may lurk far beyond Neptune

If Planet X exists, it may be anywhere from 250 to 1,000 times as far from the sun as Earth

Out beyond Neptune, the solar system resembles the deep ocean: dark, remote and largely unexplored. To an Earth-bound observer, even the brightest objects, such as Pluto, are 4,000 times as faint as what the human eye can see. An undiscovered planet could easily lurk out there unnoticed, a possible fossil from a time when the giant planets jockeyed for position 4 billion years ago, scattering planets and asteroids in their wake. But even the largest telescopes would struggle to find such a faint spot of light. Most likely, the clues would be entangled in the distorted orbits of faraway ice boulders tumbling around the sun.

Astronomers Chad Trujillo and Scott Sheppard provided a hint about how such a world might reveal itself last March when they announced the discovery of a 450-kilometer-wide dwarf planet just outside the Kuiper belt — the icy debris field past Neptune (SN: 5/3/14, p. 16).

Their find, designated 2012 VP₁₁₃, is on a course that loops around the sun in a vastly elongated orbit far from the known planets. It has thousands of neighbors but shares its odd trajectory only with Sedna, another dwarf planet, discovered in 2003.

"They're kind of in a no-man's-land," says Sheppard, of the Carnegie Institution for Science in Washington, D.C. "These objects couldn't get out there with what we currently know."

Something had to drag the two dwarf planets from their original, smaller orbits. Except nothing is close or massive enough to take the credit. At least, nothing astronomers are aware of.

The discovery of 2012 VP₁₁₃ confirmed that Sedna is not a fluke but is possibly the first of a large population of icy bodies distinct from others in the rest of the solar system. So Trujillo and Sheppard continued to poke around the Kuiper belt, and the mystery deepened. They noticed that beyond 150 astronomical units (150 times the distance from the sun to the Earth), 10 previously discovered objects, along with Sedna and 2012 VP₁₁₃, follow orbits that appear strangely bunched up.

“That immediately piqued our interest,” says Sheppard. Could an unseen planet, a Planet X, be holding the orbits of all these far-out bodies in place?

“The idea’s not crazy,” says David Jewitt, a planetary scientist at the University of California, Los Angeles. “But I think the evidence is slim.” The trail of bread crumbs leading to an undiscovered planet is sparse: just 12 chunks of ice lead the way. But it’s enough to get some researchers wondering about a ninth (or 10th, depending on your attitude regarding Pluto) planet roaming the outer solar system and how it might have arrived there.

Kuiper belt clues

“The exciting thing for me is that 2012 VP₁₁₃ exists,” says Megan Schwamb, a planetary scientist at Academia Sinica in Taipei, Taiwan. “Whatever put Sedna on its orbit should have put a whole bunch of other objects out there.”

The enormous, stretched orbits of Sedna and 2012 VP₁₁₃ are unlike anything else in the solar system. Both are too far from Neptune to feel its effects. And they’re too far from the Oort cloud, the distant shell of ice boulders thought to envelop the solar system. Their trajectories could be a relic of a passing star, or the changing influence of the Milky Way’s gravity as the sun moves around the galaxy — or of a massive planet, long-gone or yet to be detected.

The case for an additional planet got stronger when Trujillo and Sheppard realized that Sedna and 2012 VP₁₁₃ had something in common with 10 other objects. All the objects beyond 150 astronomical units come closest to the sun, a point known as perihelion, at nearly the same time that they cross the plane of the solar system. There’s no reason for these perihelia to bunch up like that. Billions of years of evolution should have left the perihelia scattered, like the rest of the Kuiper belt — unless something was holding the perihelia in place.

Trujillo and Sheppard estimated that a planet about two to 15 times as massive as Earth, at a distance of 250 astronomical units (about eight times as far from the sun as Neptune) could explain why these 12 perihelia were bunched together. But the astronomers admit that’s not the only possibility. A closer planet as massive as Mars would have the same effect as a Neptune-mass body much farther away.

“A few years ago everyone thought that nothing relevant other than just plain asteroids and comets inhabited that region,” says physicist Carlos de la Fuente Marcos. “Now the observational evidence indicates that probably we were wrong.” He and his brother Raúl, both at the Complutense University of Madrid, took a closer look at the orbits. The brothers claim, in the Sept. 1 *Monthly Notices of the Royal Astronomical*

Society Letters, that not one but two planets are needed to explain the perihelion clustering.

Around the same time, physicist Lorenzo Iorio at the Ministry of Education, Universities and Research in Bari, Italy, offered a different take. He says that the planet proposed by Trujillo and Sheppard, if it exists, must be much farther out — at least twice as far as the original prediction. By looking at gradual changes in the orbits of a few of the known planets, Iorio calculated that a planet twice as massive as Earth must be at least 500 astronomical units from the sun, according to research in the Oct. 11 *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society Letters*.

Others are more cautious. “The outer solar system can be full of all sorts of unseen and interesting things,” Jewitt says, “but the argument ... for a massive perturber is a bit puzzling.” First, 10 of the 12 bodies with peculiar perihelia dive far enough into the Kuiper belt to possibly feel Neptune’s gravity. And, second, he says, 12 objects is a tiny sample — the apparent perihelion clustering may just be an illusion caused by where researchers point their telescopes.

The recent speculation about additional planets has a familiar ring, says Jewitt. In the late 1800s and early 1900s, astronomers relied on apparent hiccups in Neptune’s motion and a handful of comets to kick off a search that eventually led to the discovery of Pluto. “Not much has changed since then,” he says. In fact, musings of a planet beyond Neptune have been around since before anyone knew Neptune existed.

Planet hunters

In 1834, German astronomer Peter Andreas Hansen allegedly suggested to a colleague that two planets were needed to explain oddities in the motion of what was then the farthest known planet, Uranus — oddities that led to the discovery of Neptune in 1846. Two years later, French astronomer Jacques Babinet claimed that Neptune also stumbled along its orbit, hinting that a ninth planet must have been causing Neptune to speed up and slow down as it ran around the sun.

Over the next half century, the search for more planets went in and out of vogue. Like a game of solar system Whac-A-Mole, new predictions popped up after each claimed discovery was trounced. The predictions relied on observations of Neptune as well as a handful of comets that reached their farthest point from the sun at nearly the same distance, a clue that a massive planet was bringing the comets all to the same point before the comets returned to the sun.

In the early 1900s, Boston-born polymath Percival Lowell got into the planet-hunting game. It’s not clear if Lowell was the first person to use the phrase “Planet X,” but he

certainly popularized it. Lowell calculated where Planet X should be, based on observations of Uranus and Neptune. Thirteen years after Lowell died in 1916, American astronomer Clyde Tombaugh picked up the torch, using Lowell's calculations as a guide. Tombaugh's systematic observations led him to Pluto in 1930, close to where Lowell predicted Planet X would be.

Pluto's fall from grace started months after its discovery. Unlike the other eight planets, which travel on flat, circular orbits, Pluto speeds through Neptune's orbit along a stretched, cockeyed trajectory. The diminutive planet didn't appear massive enough to push the outer planets around. Estimates for Pluto's mass dwindled until astronomer James Christy discovered Charon, Pluto's largest moon, in 1978. Christy used the moon's motion to weigh Pluto and found that the outermost planet had only 0.2 percent of Earth's mass. If something was tugging on Uranus and Neptune, Pluto was much too small to be the culprit.

NASA's Voyager 2 spacecraft settled the Planet X question — for a time. When the probe flew past Uranus and Neptune in the 1980s, it gave astronomers better data to revise the masses of the planets. The new data revealed that nothing was pulling on them. Tombaugh finding Pluto where Lowell's calculations pointed was just a coincidence.

The search for Planet X quieted, never disappearing, but not taken seriously. Planet X became a favorite of the tinfoil-hat crowd, who were convinced that NASA was hiding knowledge of a planet that would either crash into Earth or hurl a barrage of comets our way. The end, as always, was near.

Modern planetary research has been plagued by rough estimates and few objects to study. "What this means," Schwamb says, "is the observers need to go back to work." Only a detailed accounting of the darkness beyond Neptune will help researchers figure out if something is there.

If that something exists, it can't be as massive as Jupiter or Saturn. Kevin Luhman, an astronomer at Penn State, looked for Jupiter doppelgängers in images from NASA's WISE satellite, a 10-month mission to scan the entire sky twice with an infrared telescope. Massive planets are best seen in infrared light because they're still cooling off from their formation. Jupiter, for example, radiates more heat than it receives from the sun.

Reporting in the Jan. 20 *Astrophysical Journal*, Luhman found no evidence for a Jupiter-mass planet within 82,000 astronomical units. Likewise, there's no sign of something as massive as Saturn out to about a third as far. But Luhman says he can't rule out a small, rocky planet, which would be too cold for WISE to pick up.

The best bet is to look for reflected sunlight, which is how scientists discovered Pluto and the Kuiper belt. But even large worlds at such enormous distances are extremely dim. If Pluto was twice as far from the sun, it would be one-sixteenth as bright because the sunlight not only has to get out there but also has to come back.

“We would not yet have detected the Earth,” says Jewitt, “if it were more than 600 astronomical units from the sun.” And that’s assuming researchers knew where to look. “That gives you an idea of the darkness of the outer solar system.”

Instead of trying to directly observe a planet, researchers are looking for more Kuiper belt objects, whose orbits might bear the gravitational signature of something unseen. Trujillo and Sheppard discovered 2012 VP₁₁₃ as part of an ongoing effort to scan the sky from Cerro Tololo Inter-American Observatory in Chile. Undoubtedly, more interesting objects will turn up.

Most telescope searches, however, are akin to mapping the universe while staring through a drinking straw. Telescopes see a tiny fraction of the sky, and observatories dole out access just a few days at a time. Sheppard says that it will take them several years to cover just 20 percent of the sky.

Enter the Large Synoptic Survey Telescope, or LSST, an 8.4-meter-wide telescope being built in northern Chile with full operations planned for late 2023. Unlike other telescopes, it will have an enormous field of view and will make a decade-long movie of the sky, perfect for looking for moving points of light.

Lynne Jones, an astronomer at the University of Washington in Seattle, says the LSST could find 20,000 to 40,000 more bodies in the Kuiper belt. With about 20 times as many Kuiper belt objects in hand, astronomers should be able to see if there are more objects with bizarre orbits and determine if the bunching of perihelia is real or just an artifact of having found only a few.

Plus, says Jones, LSST could detect an Earth-sized planet out to between 300 and 500 astronomical units, depending on how reflective its surface is.

For planetary scientists, if a remote Planet X exists the question is: How do you form a planet that far from the sun? Renu Malhotra, a planetary scientist at the University of Arizona in Tucson, says the problem is time. At that distance, the planet building materials would have been smeared over a ring several hundred billion kilometers around. “To make a planet the size of the Earth,” says Malhotra, “could take longer than the age of the solar system.” The only solution, she says, is to steal the planet from somewhere else.

Uranus and Neptune are the most likely thieves, pilfering planets from the space between their orbits. Malhotra says that a close encounter with either of those giants could slingshot an Earth-sized ball of rock to well beyond the Kuiper belt.

Planet X might also be extrasolar, says planetary scientist Rodney Gomes of the National Observatory in Rio de Janeiro. The sun was born in a nebula along with several thousand other stars, and many of those probably had planets of their own. As stars jostled each other, planets could have been torn away from one star and captured by the gravity of another. Perhaps Planet X is just the result of a brief game of interstellar catch.

The jury's still out on whether you need to have a planet there or not," Schwamb says. A close encounter with a passing star could have lured Sedna and 2012 VP₁₁₃ away from their siblings, like an astronomical pied piper. Stellar flybys are rare, however, and the star must pass close enough for the two dwarf planets to notice but not so close that it disrupts the entire Kuiper belt and possibly the outer planets.

The odds go up if the star is a relative, born in the same nebula as the sun. In addition to tossing planets around, stellar siblings could have tugged on the debris swirling around the sun. The distorted orbits would have frozen in place after the sun's brothers and sisters drifted away.

For 168 years, the lure of planets hiding beyond Neptune has never faded. The remoteness of the outer solar system, Jewitt says, "leaves open the door to all sorts of wild speculation."

Discovery." Astronomers have discovered more than 1,800 planets orbiting other stars, and yet our own backyard is still largely a mystery. "We haven't explored all of the solar system yet," Sheppard says, "so people always want to believe that there's something else out there."

Fonte: Wilson, Clare (2014) "Severe El Niño stunted Peruvian children's height". Disponível em: <http://www.newscientist.com/article/dn26608-severe-el-nino-stunted-peruvian-childrens-height.html#.VSudzPnF99h> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Severe El Niño stunted Peruvian children's height

Floods in Peru from a severe El Niño event 17 years ago have stunted the growth of children born around that time by several centimetres.

"The children's height was permanently marked just like tree rings indicate natural disasters," says William Checkley of Johns Hopkins University in Baltimore, Maryland.

The floods destroyed crops and roads, so the shortfall in growth probably occurred as a result of malnutrition caused by food shortages, diarrhoea due to dirty drinking water, and a lack of access to healthcare, says Checkley.

The El Niño Southern Oscillation is a cyclical weather event that happens every two to seven years, when warming at the surface of the Pacific Ocean brings extra rainfall to the Americas for an extended period. It also causes drought in Australia and affects many other countries.

The El Niño that spanned 1997 and 1998 was especially severe, causing 16 times more rain than usual in a coastal region of Peru called Tumbes, in the north-west of the country. The resulting floods cut off access to roads, isolating some rural villages for months.

In 2008 and 2009, Checkley's team visited 59 villages in the area and measured the heights and weights of more than 2000 children aged between 7 and 17 – the oldest would have been 6 during the event and the youngest would not have been born. The team used historical satellite data and weather records to work out the probability that the family home was hit by the floods.

Before the El Niño, children in that region had been gradually gaining height as a growing economy made more food available and public health improved. Each year 10-year-old children, for instance, were on average 0.6 centimetres taller than children of the same age the year before.

But after 1997 that trend went into reverse. Children born during the El Niño period were on average 0.3 cm shorter than they would have been if the gains in height had continued.

More dramatically, those from the villages most likely to have been affected by floods were 4 cm shorter. "The event wreaked havoc in the area," says Checkley. The flooding caused yields of crops such as bananas and rice to plummet and probably caused the spread of diseases such as diarrhoea and malaria.

The effect on height persisted for children born at least three years after the El Niño, the point up to which the heights were surveyed. Checkley's team also found that children born after the El Niño had reduced muscle mass, which he says would affect their capacity for physical work later on, important in an agricultural and fishing community such as theirs. Other studies have found that stunting in childhood can have lasting effects on people's physical and mental health, including raising the risk of chronic conditions such as heart disease.

He adds that the findings emphasise the need to warn developing countries when a severe El Niño is likely, so they can improve their flood defences and target aid to affected villages.

Adam Scaife of the UK Met Office says El Niño forecasting is generally quite accurate. It is possible to predict an event several months in advance and give an idea of its – while localised predictions cannot be made, countries that are normally affected by the event can at least be warned they will be hit worse than usual. "El Niño is the cornerstone of long-range forecasting," he says.

However, Armin Bunde of the University of Giessen in Germany points out that earlier this year he and several other forecasters predicted a severe El Niño for 2014, which has yet to materialise. "In three out of four cases our forecasts are correct," he says. "But right now we are still unable to predict the strength of the next El Niño."

Fonte: *Higgs Hunters*. Disponível em: <http://www.higgshunters.org/#/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

In 2012, the world of Particle Physics rejoiced with the discovery of the long sought after Higgs boson particle. But this is just the beginning. In our search for answers to the most fundamental questions about the nature of reality, we are looking for your help in finding evidence of new physics beyond our current understanding. Through searching for exotic decays (particles falling apart in unexpected ways) in the Large Hadron Collider's particle collisions, you can be a part of the next great revolution in Physics. The LHC's computer programs were not designed to look for these decays, but we are willing to bet that a keen pair of human eyes can. So how about it, are you ready to change our understanding of the world?

Perhaps the very thing that defines us as a species is our curiosity. For thousands of years, we have asked deep questions about how our universe works and the nature of reality. What is the world made of? How did the universe begin? What are the ultimate laws it follows? Particle Physics aims to answer the most profound questions we have ever asked, by studying nature on the very smallest of lengths. Today, with incredibly advanced machines, we can finally fulfil that most ancient dream of unravelling the secrets driving our universe.

The Large Hadron Collider (LHC) is the world's largest particle collider and the most sophisticated machine ever built. It is based at the European Centre for Nuclear Research (CERN), 100m beneath the French/Swiss border at Geneva. The LHC accelerates beams of particles up to almost the speed of light, before smashing them together inside four giant particle detectors. In doing so, it can recreate the conditions that were present less than a billionth of a second after the Big Bang.

When two beams of particles collide at extremely high energies, new particles can be created using that energy. These new particles then spread outwards from the centre of the detector, appearing as the grey lines you can see in the picture below. However, many of these new particles are unstable and break apart (decay) very soon after they are produced.

If we see an off-centre vertex, it tells us that an invisible particle, originally created at the centre, has decayed into other particles that the detector can see. This could be a sign of an exotic Higgs decay!

The Higgs boson is unstable and decays only 10^{-22} s (0.00000000000000000001 seconds) after it is created. Some decays are to particles we already know about, but theories that extend the Standard Model suggest that it also could decay to new

particles [hep-ph/0605193, 1312.4992] that have not been observed until now. Such particles have never been seen in nature to date.

The diagram above shows a Higgs particle decaying into two exotic particles, which then themselves decay into many more particles – this is how an off-centre vertex could be produced. Finding decays like these would be even more interesting than finding the Higgs boson itself, allowing us to obtain direct evidence for a new theory of nature – opening our eyes to an entirely new realm of physics.

And this is where you come in. If these exotic decays are real, then they have already happened at the LHC and are sitting in the data we have right now, just waiting to be found by a keen pair of eyes. By helping with this project, you can take us one step closer to a deeper understanding of reality – to answering some of the greatest unsolved mysteries in the universe.

Particle colliders produce a huge amount of data – so large in fact that the world-wide web was invented at CERN so scientists could share the data with each other to handle it. CERN now has a global computing grid of 170 computing centres in 40 countries trawling through the data, but computers are far from perfect. Unlike the human brain, which is naturally curious and excellent at pattern recognition, computer programs can only find what they have been taught how to find.

The Zooniverse has a rich history of making new discoveries that computers had completely missed (some older members will recall the excitement surrounding 'Hanny's Voorwerp' found by a citizen scientist working on the Galaxy Zoo project). In this spirit, we need your help to look for the weird and wonderful secrets hiding in the LHC data. In doing so, you will also be teaching our computers how to better spot exotic particle events, speeding up the process of future scientific discoveries! To do this Higgs Hunters shows you a combination of simulated and real data. We need to understand what kind of events can be 'detected' using this site, and so we include computer-generated data as well as real data. You'll be told after each classification if it was a simulation.

With your help, we can collectively improve our understanding of the universe. The next new discovery is waiting to be found!

Anexo B – Textos de chegada

Fonte: Novais, Vera (2014) “Impacto de desastres naturais: Tempestades severas, crianças mais pequenas”. Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/26/impacto-de-desastres-naturais-tempestades-severas-criancas-mais-pequenas/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Impacto de desastres naturais: Tempestades severas, crianças mais pequenas

Doenças, escassez de comida e água potável afetam toda a população depois de um desastre natural. E isto atrasou o crescimento das crianças, revela estudo liderado por norte-americano.

O tamanho das crianças peruanas nascidas no final dos anos 1990 foi afetado pela tempestade provocada pelo *El Niño* em 1997-1998, conclui um estudo publicado esta terça-feira no *Climate Change Responses*. A equipa liderada por William Checkley, investigador na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, considera que os eventos climáticos adversos, que afetam uma grande quantidade de crianças num determinado local, podem ter impacto no futuro dessa comunidade.

O fenómeno climático *El Niño* – que provoca eventos extremos sobretudo no Pacífico Sul -, atingiu gravemente o Peru entre 1997 e 1998, segundo o *NewsScientist*. A região noroeste do país foi fustigada com chuvas intensas – 16 vezes superiores ao normal – provocando o corte de estradas e o isolamento de aldeias durante vários meses. Noutros locais do planeta este fenómeno provocou variações de temperatura e seca extrema.

As cheias no Peru destruíram estradas e culturas, levando à escassez de alimentos e de água potável, assim como a diminuição no acesso aos cuidados de saúde. Estas condições poderão ter condicionado diretamente a saúde física e o crescimento das crianças das comunidades afetadas. Antes do *El Niño*, à medida que as condições económicas melhoravam, a altura média das crianças também aumentava – as crianças de dez anos tinham em média mais 0,6 centímetros que as crianças da mesma idade no ano anterior. Pelo contrário, as crianças que nasceram durante ou depois do *El Niño* de 1997-1998 eram 0,3 centímetros mais baixas do que deveriam ser se o ganho em altura continuasse, nota o *NewsScientist*.

Durante o ano de 2008 e 2009, a equipa de William Checkley avaliou a altura, peso, massa gorda e massa magra (músculos, órgãos, ossos e fluidos corporais) de 2.095 crianças nascidas entre 1991 e 2001. Além da altura, também a quantidade de massa

magra diminuiu nas crianças avaliadas. A diminuição de massa magra, provavelmente causada pela diminuição de massa muscular, pode afetar o desempenho físico dos indivíduos no futuro, comprometendo o desempenho em profissões como agricultura ou pesca, indica o Newscientist.

Sabe-se que os desastres naturais, tal como as secas e cheias provocadas pelo *El Niño*, podem aumentar a incidência de doenças e diminuir a qualidade de vida das populações. Agora sabe-se também que pode afetar o desenvolvimento das crianças. Prever estes acontecimentos pode ajudar a minimizar o impacto a longo prazo nas comunidades. Apesar de o governo do Peru ter sido informado do fenómeno seis meses antes de acontecer e ter tomado medidas preventivas, as mesmas mostraram-se insuficientes neste caso, segundo o artigo publicado.

Mesmo mantendo as convicções em relação às conclusões, a equipa que juntou investigadores dos Estados Unidos, Peru e Reino Unido alerta que o estudo não conseguiu incluir outros eventos, além do *El Niño*, que pudessem ter provocado situações semelhantes ou outras causas para a subnutrição, além das que possam ter sido causadas pelas cheias.

O *El Niño* é um fenómeno climático com uma previsão mais ou menos apurada. Contudo o evento que se previa que este ano pudesse atingir a América do Sul durante o Campeonato do Mundo de Futebol ainda não teve lugar. “Três em quatro casos de previsão estão corretos”, afirma Armin Bunde, da Universidade de Giessen, na Alemanha. “Mas neste momento não nos é possível prever com que intensidade se manifestará o próximo.”

Fonte: Novais, Vera (2014) “Estamos todos convidados a ‘revolucionar’ o conhecimento sobre o universo”. Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/27/estamos-todos-convidados-a-revolucionar-o-conhecimento-sobre-o-universo/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Estamos todos convidados a “revolucionar” o conhecimento sobre o universo

Quando os cientistas são poucos para analisar a grande quantidade de dados recolhidos durante um projeto, como o do CERN, recorre-se aos cidadãos-cientistas para ajudar.

E se fosse convidado a participar num projeto científico de física de partículas? Embora a tarefa seja gigantesca, o desafio é pequeno – só tem de analisar umas fotografias -, mas a possibilidade de contribuir para o avanço do conhecimento científico é enorme. “Precisamos que nos ajude a analisar os dados”, apela no vídeo promocional Allan Barr, físico na Universidade de Oxford, no Reino Unido. “Poderá encontrar algo completamente novo e inesperado. Poderá revolucionar a nossa compreensão sobre o universo.”

Imagine um anel com 27 quilómetros de comprimento, enterrado a 100 metros de profundidade, onde as partículas viajam a mil milhões de quilómetros por hora – quase a velocidade da luz. Agora imagine que estas partículas, chamadas de prótons (partículas com cargas positivas), viajam em direções opostas e colidem umas com as outras. Foi este fenómeno que permitiu demonstrar, em 2012, a existência do bóson Higgs. Uma descoberta que valeu o prémio Nobel da Física de 2013 a dois dos físicos teóricos que a previram a existência desta partícula.

As partículas viajam no maior acelerador de partículas do mundo – o LHC, *Large Hadron Collider* – do Centro Europeu de Investigação Nuclear (CERN), situado na fronteira entre a França e a Suíça. As colisões ocorrem dentro dos detetores criados para o efeito – quase mil milhões de colisões por segundo -, onde são recriadas as condições que se acredita terem estado na origem do universo. Os resultados destas colisões são recolhidos e analisados por quatro experiências, duas delas –Atlas e CMS – com representantes no Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas (LIP), em Portugal.

O projeto de *citizen science* (a ciência desenvolvida por não-especialistas) que agora se apresenta – *Higgs Hunters* (Caçadores de Higgs) – tem como objetivo analisar as cerca de 90 mil imagens recolhidas pelo detetor Atlas. O bóson de Higgs que se forma após uma colisão decai muito rapidamente, ou seja, transforma-se noutras partículas. O objetivo é perceber em que tipo de partículas se pode transformar o bóson, porque se podem descobrir novos tipos de partículas que nunca tinham sido detetadas. Já este ano foi possível apresentar um novo modelo de decaimento do bóson de Higgs.

O CERN tem uma rede de 170 computadores espalhados por 40 países, mas não há nada como um cérebro humano, “que é naturalmente curioso e excelente no reconhecimento de padrões”, lê-se no *site* do projeto. “Os programas de computador só conseguem encontrar o que foram programados para encontrar.” Em cada imagem analisada pelo cidadão-cientista é possível ver linhas que partem do centro do tudo do LHC como resultado da colisão das partículas. Encontrar as linhas que não partem do centro (*off-centre vertex*) é sinal que “uma partícula invisível, originalmente criada no centro, decaiu noutras partículas que o detetor conseguiu ver”, continua a explicação no *site*. “Isto pode ser sinal de um decaimento exótico do bóson de Higgs.”

Higgs Hunters é um dos projetos incluído na plataforma Zooniverse que agrega vários projetos de *citizen science* relacionados com o espaço, biologia, natureza, clima ou história.

Mas o CERN não está apenas interessado em que os cidadãos ajudem a analisar os dados que obtém. Esta segunda-feira o News Scientist divulgou que existe uma grande coleção de dados do acelerador de partículas que estão disponíveis para serem usados por alunos e investigadores. “É muito importante deixar estes dados disponível de forma livre”, diz Kati Lassila-Perini, colaboradora na experiência CMS, que disponibilizou 27 *terabytes* de dados no portal do CERN. É possível que os investigadores façam novas descobertas com estes dados.

Fonte: Marques, Ana (2014) “Filho de Pierce Brosnan é o novo rosto da Saint Laurent”. Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/21/filho-de-pierce-brosnan-e-o-novo-rosto-da-saint-laurent/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Filho de Pierce Brosnan é o novo rosto da Saint Laurent

Tem 17 anos, é músico, está a estudar cinema e quer seguir carreira política. No meio de uma agenda preenchida, protagoniza ainda a campanha para a Saint Laurent, a qual conseguiu sem a ajuda do pai.

Brosnan, Dylan Brosnan. Aos 17 anos, o filho de Pierce Brosnan estreou-se no mundo da moda ao participar numa campanha da *Permanent Collection* para a marca Saint Laurent. As fotografias, a preto e branco, mostram o jovem rapaz a usar diferentes conjuntos de roupa, desde fato e gravata ao que parece ser uma *t-shirt* e ainda um casaco de cabedal — o guarda-roupa é todo em tons escuros. Mais imagens podem ser vistas aqui.

Diz a imprensa internacional que Dylan herdou os genes do pai e, conseqüentemente, a beleza. Ao que parece, o diretor criativo da Saint Laurent, Hedi Slimane, terá pensado de forma semelhante ao descobri-lo numa praia em Malibu, na Califórnia. Segundo consta, Slimane não sabia, à data, que o ator britânico conhecido por interpretar a personagem de 007 era o pai do jovem (a mãe é a jornalista Keely Smith).

Mas este não é o único rebento de uma celebridade a integrar a respetiva campanha. Também o filho de 19 anos do ator Val Kilmer, Jack Kilmer, parece ter um jeito inato para posar em frente à câmara fotográfica. Se num dos retratos é visto com um blusão de ganga, com o cabelo caído sobre o rosto, noutra aparenta um ar mais descontraído e sofisticado — o adolescente está sentado de pernas cruzadas e usa calças de ganga rasgadas e um *blazer* de veludo.

O certo é que depois de as fotografias terem sido tornado públicas, são algumas as publicações que se interrogam sobre quem é Dylan Brosnan? A *Hollywood Life* optou por responder ao apresentar um conjunto de factos que poderá não conhecer sobre o modelo estreado que, além de músico (é vocalista e toca guitarra), é ainda um estudante de cinema. Mas os gostos do filho do famoso ator não se esgotam aqui, até porque Dylan quer seguir uma carreira em política — no verão passado foi estagiário do senador norte-americano Ed Markey em Washington D.C. E, como não podia deixar de ser, é bom amigo de Jack Kilmer, colega na fama paternal e na já referida campanha.

Fonte: Marques, Ana (2014) “Os prémios da moda com sotaque ‘very british’”. Disponível em: <http://observador.pt/2014/12/02/os-premios-da-moda-com-sotaque-british/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2015].

Os prémios da moda com sotaque “very british”

Cerimónia dos British Fashion Awards aconteceu esta segunda-feira à noite. Victoria Beckham e Anna Wintour estão entre os vencedores da edição de 2014. E os portugueses Marques’Almeida também.

A capital inglesa acolheu na primeira noite de dezembro a cerimónia que leva o nome British Fashion Awards. O desfile de celebridades aconteceu no London Coliseum e incluiu as presenças da modelo Kate Moss e da atriz Emma Watson, a eterna Hermione da saga *Harry Potter*, que tem estado cada vez mais associada ao universo da moda. Os grandes nomes da noite, porém, foram outros: Erdem, Victoria Beckham e Nicolas Ghesquiére levaram para casa os prémios de melhor *designer*, marca e *designer* internacional. Já Cara Delevingne, sem grandes surpresas, foi considerada a modelo do ano e coube a Anna Wintour receber a honra *Outstanding Achievement*. A distinção também se fez em português, com a dupla de *designers* Marques’Almeida a ganhar o prémio Talento Emergente – Moda Feminina.

Destaque ainda para a presença do estilista John Galliano que, diz a Vogue britânica, vai recomeçar a carreira no mundo da moda no cargo de diretor criativo da Masion Martin Margiela, depois do escândalo que protagonizou em fevereiro de 2011, quando dirigiu declarações racistas e antisemitas a um casal que se encontrava num bar parisiense. Polémicas à parte, a noite foi de corte e costura ao mais alto nível.

Fonte: Esteves, Pedro (2015) “Transplantar uma cabeça humana pode ser possível daqui a poucos anos”. Disponível em: <http://observador.pt/2015/02/26/transplantar-uma-cabeca-humana-pode-ser-possivel-daqui-a-poucos-anos/> [Acedido a: 27 de fevereiro de 2015].

Transplantar uma cabeça humana pode ser possível daqui a poucos anos

Um cirurgião italiano afirma que daqui a dois anos será possível realizar um transplante de corpo inteiro. A comunidade científica levanta muitas questões técnicas, mas também éticas.

O cirurgião italiano Sergio Canavero disse à revista *New Scientist* que o transplante de corpo inteiro será possível num futuro próximo. Para esclarecer: trata-se de transplantar uma cabeça humana de um corpo para outro. Tecnicamente o desafio é gigantesco e muitos especialistas dizem que não é possível (para já) executar, mas as questões éticas tornam este tema particularmente sensível.

O cenário é o seguinte: de um lado, um doente com uma doença terminal, e do outro uma vítima de morte cerebral. Transplantar a cabeça de um corpo para outro pode ser a salvação do primeiro paciente. O objetivo do médico italiano é então o de prolongar a vida a doentes terminais, mas afirmou que só o fará “se a sociedade assim quiser”.

A ciência segue muitas vezes por caminhos polémicos, a manipulação laboratorial de embriões é disso exemplo. Ao longo de anos foi motivo de acessos debates científicos, éticos e legais. Mas um transplante desta dimensão abre uma discussão completamente nova: como será viver no corpo de outra pessoa? Já é possível ter uma pista da complexidade do assunto com os exemplos de transplantes de rosto (pele) em grandes traumatizados. A reabilitação psicológica é demorada e nem sempre isenta de traumas de identidade.

Os problemas deste desafio são de ordem ética e técnica. Por um lado, os procedimentos cirúrgicos de transplante de corpo vão ter de começar por ser experimentados em macacos e logo aí o assunto será barrado pela maioria dos legisladores, como nota o *The Guardian*. Por outro, são muitos os cientistas que afirmam que ainda não se sabe como ligar de forma eficaz as células da espinal medula e que “não existe evidência que essa ligação permita restabelecer a função motora”,

como explica Richard Borgens, diretor do Centro de Paralisia da Universidade de Purdue (EUA).

É que, biologicamente, o nosso cérebro está “programado” para desencadear funções motoras específicas para o nosso corpo e apenas para ele e essa aprendizagem demora muitos anos (veja-se o tempo que uma criança necessita para desenvolver o movimento corporal na sua plenitude). Os cientistas dizem não haver garantias de que o cérebro consiga comandar o novo corpo, caso o transplante seja tecnicamente possível.

O debate está lançado e a história parece ter sido tirada de um livro de ficção científica. Mas não: uma equipa da Universidade de Harbin, na China, já começou a testar o procedimento em ratos. Dizem que estão a aperfeiçoar a técnica cirúrgica e que este “será um marco histórico na medicina, capaz de salvar milhões de pessoas”.

Fonte: Marques, Ana (2014) “Liam Hemsworth: ‘Beijar Jennifer Lawrence foi muito desconfortável’”. Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/18/liam-hemsworth-beijar-jennifer-lawrence-foi-muito-desconfortavel/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2014].

Liam Hemsworth: “Beijar Jennifer Lawrence foi muito desconfortável”

O ator confessou que as cenas em que tinha de beijar a colega eram muito desconfortáveis e algo nojentas. A atriz fazia questão de comer, de propósito, alho e atum momentos antes das filmagens.

À partida, beijar a atriz Jennifer Lawrence, a protagonista da saga Os Jogos da Fome, seria um desejo de muitos fãs. Mas quando Liam Hemsworth teve oportunidade de descrever esse momento usou palavras como “desconfortável” e “nojento”. Foi durante uma entrevista no programa televisivo The Tonight Show, apresentado por Jimmy Fallon, onde o também ator se deparou com a pergunta “Qual a cena mais estranha que teve de gravar [nos respetivos filmes]?”. A resposta, para surpresa de muitos, incluiu os beijos de Lawrence.

“De todas as vezes que tive de beijar a Jennifer [Lawrence] foi muito desconfortável”, confessou. “Quando vemos de fora, parece uma imagem ótima. Ela é uma das minhas melhores amigas. Adoro-a. Mas se tínhamos uma cena que envolvesse beijos, ela fazia questão de comer alho ou atum ou alguma coisa que era nojenta”. Ao que a atriz já vencedora de um Óscar acrescentava: “Não lavei os dentes”.

Lawrence é conhecida pelos comportamentos algo extravagantes, pelo que não é difícil de conceber que se divertisse às custas do amigo, de quem diz gostar bastante. Numa entrevista à revista People, não se cansou de elogiar o colega de profissão, descrevendo-o como “maravilhoso”, “amoroso”, “querido” e “hilariante”, além de um rapaz voltado para a família. E continuou: “Acho que a maior surpresa é que eu nunca pensei que teria um homem tão atraente como melhor amigo. Nunca soube que essas coisas podiam acontecer”.

Durante o programa, Liam contou ainda que o filme que o faz chorar é Titanic e que a sua paixão de adolescente era a atriz Alyssa Milano, da série Charmed. E, ao que parece, apesar das “críticas” aos beijos da colega, o bom clima manteve-se entre ambos até porque, no dia seguinte, participaram no Saturday Night Live — juntamente com Josh Hutcherson e Woody Harrelson — para “brincar” com uma canção do novo álbum de Taylor Swift.

Fonte: Novais, Vera (2014) “A descoberta de dois planetas anões pode indicar a presença de um planeta maior... ou não”. Disponível em: <http://observador.pt/2014/11/21/descoberta-de-dois-planetas-anoes-pode-indicar-presenca-de-um-planeta-maior-ou-nao/> [Acedido a: 10 de janeiro de 2014].

A descoberta de dois planetas anões pode indicar a presença de um planeta maior... ou não

A busca por planetas fora da órbita de Neptuno mantém-se. As órbitas de Sedna e Binde podem revelar a existência do “Planeta X”, mas há astrónomos que preferem ser mais cautelosos.

Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, ... E a lengalenga continuava até chegar a Plutão – os planetas do sistema solar como os aprendemos na escola primária. Anos mais tarde Plutão era despromovido de planeta principal neste conjunto, mas a busca por planetas exteriores a Neptuno nunca parou e para alguns cientistas há a probabilidade de existirem planetas mais exteriores é cada vez maior, segundo noticia o *site* I Fucking Love Science.

Em 2006, Plutão deixou de fazer parte do grupo de planetas principais do sistema solar, porque, ao contrários dos planetas principais, os planetas anões podem ter outros corpos celestes com quem partilham as órbitas, além das respetivas luas – no caso da Terra, a órbita é apenas percorrida pela própria e pela Lua. Mas Plutão não é o único planeta anão do sistema solar. Já se conhece Ceres na cintura de asteroides, entre Marte e Júpiter, e Eris, Makemake e Haumea, para lá do limite de Neptuno.

Para os irmãos Carlos e Raul de La Fuente Marcos, investigadores na Universidade Complutense de Madrid, a existência de planetas anões, depois da órbita de Plutão, como Sedna e Bide (ou 2012 VP113), permitem especular sobre a existência de outros planetas na parte mais externa do sistema solar, conforme propuseram na *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society Letters*. As órbitas destes planetas anões, e de mais 10 objetos celestes, que os levam muito mais longe do que qualquer outro planeta já conhecido, mas sem nunca estarem mais próximos do Sol do que Neptuno, podem ser influenciadas pela existência de um verdadeiro planeta – o “Planeta X”, um planeta exterior a Neptuno, cuja busca já dura há mais de um século.

Os investigadores norte-americanos Chadwick Trujillo e Scott Sheppard já tinham referido na *Nature* que a órbita destes dois planetas e de 10 objetos que têm periélio (ponto mais próximo do Sol durante a órbita) muito próximos uns dos outros pode trazer novas hipóteses para o estudo do sistema solar, noticia a *Science News*. Por um lado, podem existir muitos mais planetas e corpos celestes desconhecidos para lá da órbita de Plutão. Por outro, pode existir um planeta com uma massa grande, que

exerça uma grande força gravítica e que permita manter estes 12 astros neste tipo de órbitas.

Contudo existem astrónomos que se mantêm cautelosos. “A parte exterior do sistema solar pode estar cheia de todos os tipos de coisas interessantes e nunca vistas. Mas o argumento para um ‘perturbador’ maciço é um pouco intrigante”, disse David Jewitt, investigador na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (Estados Unidos). Por um lado, como 10 dos 12 astros se aproximam de Neptuno pode ser a força gravítica deste planeta a influenciados e não outra. Por outro, 12 corpos celestes é uma amostra pequena e a proximidade dos periélios pode ser apenas uma ilusão causada pelos telescópios.

A discussão sobre a possibilidade de existirem planetas tão longe do Sol ou de outros corpos mais afastados no sistema solar vai manter-se e a investigação também. “Ainda não explorámos todo o sistema solar, por isso as pessoas querem acreditar que existe alguma coisa lá fora”, disse Scott Sheppard.

Anexo C – Entrevista pessoal a Diogo Queiroz de Andrade

Entrevista pessoal a Diogo Queiroz de Andrade, diretor criativo do *Observador* a 20 de março de 2015.

Quais os critérios de seleção de notícias a publicar? A linha editorial prevalece sempre sobre outros critérios como a aceitação da notícia na cultura portuguesa e/ou o quão estas são procuradas na nossa cultura?

A linha editorial molda-se à atualidade e a definição para a a prioridade de produção noticiosa obedece aos critérios noticiosos de proximidade e relevância. Ou seja, fazemos constantemente uma avaliação do que é prioritário em termos de relevância (o que é preciso saber) em função da proximidade e atualidade da informação. Tendo em conta que a nossa audiência é global (ou pelo menos nacional), os temas locais têm pouca relevância, tal como uma notícia de um atentado em Espanha tem mais notoriedade do que um caso semelhante no Japão, por exemplo. Mas se se tratar de um evento global como a situação de Fukushima, por exemplo, o facto de ser no Japão já torna irrelevante a distância. Claro que tudo o que tem a ver com a situação portuguesa é fundamental, mas muitas vezes o nosso trabalho passa também por demonstrar a relevância de temas que parecem distantes mas na verdade não o são. Exemplo: a situação da crise grega e a relação com a UE. A atenção dada pelos leitores a temas como este tem refletido a utilidade do nosso esforço

O que difere o trabalho de um tradutor em redação de um jornalista?

O tradutor só tem de se preocupar com o rigor da tradução d uma notícia feita por outro, o jornalista tem de se preocupar com os critérios da produção editorial - isenção, objetividade, relevância, rigor noticioso, etc. Ou seja, o jornalista até pode fazer trabalho de tradutor no decorrer da sua atividade, mas o tradutor não é (nem pode ser) jornalista no seu trabalho - se fosse poderia perverter o seu trabalho porque teria de ter em consideração outras exigências.